



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ANA CAROLINA FROES REIS

**A INVERSÃO GERACIONAL: CONSEQUÊNCIAS PSÍQUICAS E SUA
IMPORTÂNCIA PARA O DIAGNÓSTICO DIFERENCIAL EM
PSICANÁLISE**

Niterói

2024

ANA CAROLINA FROES REIS

**A INVERSÃO GERACIONAL: CONSEQUÊNCIAS PSÍQUICAS E SUA
IMPORTÂNCIA PARA O DIAGNÓSTICO DIFERENCIAL EM
PSICANÁLISE**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia, com habilitação em formação de Psicólogo.

Orientador(a): **Prof^a Dr^a Flavia Lana
Garcia de Oliveira**

Niterói

2024

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

R375i Reis, Ana Carolina Froes
A inversão geracional : Consequências psíquicas e sua importância para o diagnóstico diferencial em Psicanálise / Ana Carolina Froes Reis. - 2024.
66 f.

Orientador: Flavia Lana Garcia de Oliveira.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)-Universidade Federal Fluminense, Instituto de Psicologia, Niterói, 2024.

1. Inversão geracional. 2. Melancolia. 3. Estados melancoliformes. 4. Passagem ao ato. 5. Produção intelectual. I. Oliveira, Flavia Lana Garcia de, orientadora. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Psicologia. III. Título.

CDD - XXX

TERMO DE APROVAÇÃO

ANA CAROLINA FROES REIS

A INVERSÃO GERACIONAL: CONSEQUÊNCIAS PSÍQUICAS E SUA IMPORTÂNCIA PARA O DIAGNÓSTICO DIFERENCIAL EM PSICANÁLISE

Trabalho de Conclusão aprovado pela Banca Examinadora do Curso de Graduação em
Psicologia da Universidade Federal Fluminense – UFF

Niterói, 14 de Agosto de 2024

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



FLAVIA LANA GARCIA DE OLIVEIRA

Data: 16/09/2024 14:26:59-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a Dr^a. Flavia Lana Garcia de Oliveira (Orientadora) – UFF

Documento assinado digitalmente



RENATA THEOPHILO DA COSTA MOURA

Data: 30/08/2024 21:44:39-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a Dr^a. Renata Theophilo Costa-Moura - UFF

Documento assinado digitalmente



PEDRO SOBRINO LAUREANO

Data: 11/09/2024 11:07:00-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Pedro Sobrino Laureano - UFF

AGRADECIMENTOS

A Deus, por toda a providência e cuidado sempre.

À minha mãe Gabriela, que torceu tanto para eu passar para a UFF. Ao meu pai, que sempre me levou e me apoiou em tudo que tinha relação com os estudos, e na matrícula para a UFF não foi diferente.

Aos meus irmãos Camila e Gabriel, pelo simples fato de existirem e isso me inspira a dar sempre o meu melhor. Ao meu irmão Caio (in memoriam) por ter existido.

À minha avó Marlene (in memoriam) por todo amor, dedicação e por me acompanhar na escola desde a infância.

À minha tia Theresa que me ajudou financeiramente para que eu chegasse até aqui. À minha avó Maria que além de me auxiliar financeiramente, sempre me incentivou a ir além e me apoiou em cada etapa.

À minha madrinha Carla, por desde sempre me mostrar a importância dos estudos, comprando livros para mim na infância e estudando comigo matérias mais complicadas. Por me ensinar a dar o máximo de mim.

À Profª Drª Flavia Lana Garcia de Oliveira, por ter sido uma orientadora tão dedicada nessa monografia e na iniciação científica, supervisora de estágio de excelência e uma professora muito didática.

À Profª Drª Renata Theophilo Costa-Moura, por todo o apoio durante a pandemia e por todos os ensinamentos que levarei comigo sobre psicanálise, adolescência, trauma, luto e refugiados.

Ao Prof. Dr. Pedro Sobrino Laureano por todo o ensinamento e acolhimento na disciplina que ministrou que me forneceu conhecimentos sólidos para a atuação profissional.

À Luana, Palloma e Ana Beatriz, pela amizade desde o ensino fundamental. À Alessandra, por todas as orações e apoio.

À Mirian, por todas as trocas ao longo desses anos de Psicanálise, de vida e por todas as caronas.

À Letícia, Luana, Jenifer, Layssa, Maria e Carlyne, por me acompanharem desde o início da faculdade e tornarem os meus dias mais leves. Ao Filipi pela amizade e por toda a partilha em Psicanálise.

À Izabella, pela amizade que foi essencial em muitos momentos e pela companhia no Estágio Específico, com tantas trocas em Psicanálise.

Ao Gabriel, por ter estudado comigo alguns dos primeiros textos freudianos que tive contato e por ter me incentivado em muitos momentos ao longo da graduação.

À Ana Beatriz, por todo incentivo na faculdade durante esses anos e pelo apoio em todas as áreas da minha vida.

À minha analista Patrícia Lazcano, que tem me possibilitado ser muito mais leve comigo, o que refletiu na escrita desta monografia.

Ao instituto de Psicologia UFF, pelo ensino de excelência e pela organização do curso durante meus anos de graduação.

Então mire as estrelas e salte o mais alto que der!
Tome distância, e faça o melhor que puder!
Só não se permita viver na sombra do talvez...
Aqui só se vive uma vez!
Vença seus medos! Você é capaz de voar por cima das vozes
Que gritam pra você parar!
Não há nesta vida algo que não se possa alcançar...
Você só precisa ir buscar

Mire as estrelas - Rosa de Saron

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	p. 8
-------------------------	------

Capítulo 1 - A INVERSÃO GERACIONAL INCENTIVADA PELOS PAIS:

1.1 Complexo de Édipo e Complexo de Castração.....	p. 13
1.2 Diferença geracional.....	p. 20
1.3 Inversão geracional.....	p. 24

Capítulo 2 - A INVERSÃO GERACIONAL PRESENTE NA MELANCOLIA:

2.1 Melancolia: histórico e conceituação.....	p. 31
2.2 Luto X Melancolia.....	p. 36
2.3 Supereu pós-edípico X Supereu arcaico na melancolia.....	p. 41

Capítulo 3 - A INVERSÃO GERACIONAL NO SUICÍDIO:

3.1 Estados melancoliformes e traços maníacos na contemporaneidade...p.	48
3.2 Acting out X Passagem ao ato.....	p. 51
3.3 Observações sobre o suicídio.....	p. 56

CONSIDERAÇÕES FINAIS	p. 59
-----------------------------------	-------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	p. 60
---	-------

INTRODUÇÃO

Os temas do suicídio e da inversão geracional me atravessam há um tempo e nada mais justo que fossem escolhidos para o meu trabalho de conclusão de curso. Anos atrás, fui coordenadora de um grupo jovem na igreja e isso me fez ter contato com jovens em variadas situações de sofrimento psíquico. O desamparo era grande por muitas vezes as figuras parentais não estarem por perto fisicamente ou, quando estavam fisicamente, encontravam-se imersas em seus conflitos pessoais. Essas situações dificultavam a esses jovens se referenciar a alguém da geração anterior, o que gerava ideias suicidas e meios propícios para realizar tal ato.

Já no meu Estágio Básico I com a Prof^a. Dr^a Renata Theophilo Costa-Moura, foi ensinado e discutido sobre os refugiados e o trauma de ser obrigado a se retirar de sua própria pátria seja por guerra, conflitos religiosos etc, para um novo local desconhecido. Se instaura então um sujeito errante em busca do seu lugar no mundo. Foi estudado também o direito ao luto pela perda de sua pátria, que muitas vezes não possuía nenhuma validação, ao contrário, somente críticas. Pessoas de fora exprimem os seguintes questionamentos: “como se pode sofrer por um País que está lhe fazendo mal? Onde perdeu pessoas queridas?” O que incutiu nos refugiados a não validação de seu luto. As questões do trauma e do luto me marcaram profundamente e ecoaram igualmente nesta monografia.

Posteriormente, como monitora da disciplina Psicologia do desenvolvimento II, a prof^a, Dr^a Flavia Lana Garcia de Oliveira ensinou sobre a necessidade do luto da posição infantil para o sujeito advir, assim como a importância do encontro da criança com a diferença anatômica entre os sexos. Ela me indicou um texto da prof^a Dr^a Tânia Coelho dos Santos no qual explicava sobre o trauma do encontro da diferença anatômica entre os sexos para o melancólico e como ele não realiza o luto da posição infantil.

Todos esses conceitos ganharam corpo com um caso de melancolia que atendi no meu Estágio Específico sobre a supervisão da prof^a Dr^a Flavia Lana Garcia de Oliveira. Nele, era possível observar a falta do luto da posição infantil e como o encontro com diferença anatômica entre os sexos foi traumática, já que esse encontro diz respeito à aceitar a alteridade e à operação da diferença geracional. Ao contrário do paciente elaborar a diferença geracional, em muitos relatos era notória a inversão geracional incentivada pelos pais em relação a ele, assim como a resposta melancólica do jovem com a inversão geracional. Isso aparece na onipotência, sendo o Outro de si mesmo e não contando com alguém de outra

geração para auxiliá-lo em muitos momentos em que necessitava. Essa onipotência toda o levou a ideias suicidas que tive que manejar.

No Capítulo 1 deste texto, recorreremos à noção de prematuração que em Freud é trabalho como o desamparo originário. Faremos isso com o objetivo de ressaltar a importância da diferença geracional desde o início da vida. Posteriormente, introduziremos os conceitos dos Complexos de Édipo e de castração, sua importância para a constituição do sujeito e como a diferença geracional permanece sendo importante também nesses marcos temporais.

Em seguida, destacaremos a importância da operação da diferença geracional, utilizando textos freudianos, para a criança, que será no futuro adolescente e adulto. Trilharemos esse percurso para alcançar os efeitos psíquicos da inversão geracional incentivada pelos pais em seus filhos. Dentre eles estão: os traumas advindos do desamparo e da vulnerabilidade e o sacrifício de sua infância em prol da coesão familiar. Explicitaremos também sobre as consequências da inversão geracional na adolescência e na vida adulta.

No Capítulo 2, o destaque será para a resposta do sujeito independente de possuírem o histórico de inversão geracional incentivada pelos pais na infância ou não. A melancolia é uma resposta possível e defenderemos que a resposta melancólica é com a inversão geracional se fazendo presente. Para tanto, iremos percorrer o histórico da melancolia e sua conceituação ao longo das obras freudianas. Desembocaremos no principal texto de Freud sobre a melancolia, onde ele realiza a distinção entre o luto e a melancolia e assim poderemos desenvolver a inversão geracional presente nesse quadro. Após isso, abordaremos sobre o Supereu pós-edípico que é essencial para considerar os dados da realidade e ingressar no laço social. Em oposição exploraremos o Supereu arcaico na melancolia. Ele opera numa destrutividade que aparece nas autorrecriações. Utilizaremos esses conceitos para ressaltar a operação da diferença geracional no Supereu pós-edípico e a inversão geracional no Supereu arcaico.

No Capítulo 3, será apresentada a melancolia como uma psicose para Lacan e também os estados melancoliformes e os traços maníacos presentes na contemporaneidade. Ambos são uma última defesa para se evitar o pior, que é o suicídio. A partir de um caso de tentativa de suicídio atendido por Freud (1920) e do texto *Recordar, repetir e elaborar* (Freud, 1914) faremos uma distinção entre acting out e passagem ao ato. O suicídio é a maior passagem ao ato existente, pois não há mais uma demanda ao Outro. Nele, há um impulso à inversão geracional, pois no ato do suicídio se finda com a diferença geracional, invertendo-a. Finalizaremos com a descrição de dados sobre o suicídio no Brasil e no mundo para

relacionarmos essa passagem ao ato com a melancolia, com os estados melancoliformes e com os traços maníacos utilizando a chave da inversão geracional.

RESUMO

Essa monografia propõe apresentar as consequências psíquicas da inversão geracional, bem como a sua importância para o diagnóstico diferencial. Para tanto, iniciará pela necessidade do Outro primordial desde o início da vida, bem como a sua importância nos Complexos de Édipo e de castração, utilizando Dufour e textos freudianos. Em seguida, explicitará a relevância da diferença geracional para o bom desenvolvimento e o bem-estar psíquico da criança, que é um futuro adolescente e adulto, com textos da obra de Freud. Esse percurso será realizado para assim ser possível alcançar as consequências psíquicas da inversão geracional incentivada pelos pais para crianças, que serão futuros adolescentes e adultos. Entretanto, há algo que é próprio de cada sujeito, a sua resposta singular. Ela pode ser a melancolia, trabalhada por Freud como neurose narcísica e por Lacan como estrutura clínica. Ou os estados melancoliformes e os traços maníacos que são tão presentes na contemporaneidade. Tanto a melancolia como os estados melancoliformes serão abordados como uma resposta com a inversão geracional. Eles funcionam como uma última defesa para evitar o pior. Mas, e quando até mesmo essa defesa fracassa? A consequência pode ser o suicídio como um impulso a inversão geracional. Para isso, será utilizado um caso freudiano não tão famoso que narra uma passagem ao ato: a tentativa de suicídio.

Palavras-chave: inversão geracional; melancolia; estados melancoliformes; passagem ao ato; suicídio.

ABSTRACT

This monograph aims to present the psychic consequences of generational inversion and its importance for differential diagnosis. To achieve this, it will begin by discussing the need for the primordial Other from the beginning of life and its significance in the Oedipus and castration complexes, referencing works by Dufour and Freud. Following this, it will explore the relevance of generational differences for the healthy development and psychological well-being of the child, who will eventually become an adolescent and adult, with texts from Freud's work. This exploration will set the stage for understanding the psychic consequences of generational inversion, which is encouraged by parents and impacts children who will become future adolescents and adults. However, there is something unique to each individual, their singular response. This response could manifest as melancholy, which Freud worked on as a narcissistic neurosis and Lacan as a clinical structure. Alternatively, it could appear as

melancholic states and manic traits, which are prevalent in contemporary times and have been studied. Both melancholy and melancholiform states will be addressed as responses to generational inversion, acting as a last defense to avoid the worst. But what happens when even this defense fails? The consequence can be suicide, seen as an impulse related to generational inversion. To illustrate this, lesser-known Freudian case will be used that narrates a passage to the act: the suicide attempt.

Key-works: generational inversion; melancholy; melancholiform states; passage to the act; suicide.

CAPÍTULO 1

A inversão geracional incentivada pelos pais

1.1- Complexo de Édipo e Complexo de Castração

Este tópico se dedicará ao Complexo de Édipo e de castração, entretanto, faz-se necessário percorrer um caminho para alcançar esses marcos temporais descritos por Freud e posteriormente relidos por Lacan. Antes de tudo é imprescindível recorrer a noção de prematuração (DUFOUR, 2016) que é amplamente trabalhada por Freud e Lacan. Ela se refere ao fato do homem ser o único mamífero superior inacabado ao nascer, vindo ao mundo cedo demais ele é mal terminado, "remendado" e sujeito a maternagem. Como exemplo desse inacabamento biológico tem-se o fato do bebê nascer com paredes cardíacas não fechadas, insuficiência dos alvéolos pulmonares, caixa craniana não fechada, etc. Como consequência psicológica é, portanto, um ser que não adveio e que não consegue se cuidar sozinho.

Oliveira (2023) em aula de *Psicologia do Desenvolvimento II*, explicitou sobre o desamparo originário. Desamparo é o termo utilizado por Freud para discorrer sobre a aflição originária do ser humano (DUFOUR, 2016), a prematuração citada no parágrafo anterior. Freud (1926) faz referência a situação do ser humano nascer despreparado biologicamente para lidar com o mundo e por isso, precisar da tutela do outro, mais precisamente, da tutela materna. Com isso, demarca-se a necessidade de um Outro primordial que pertence a outra geração para garantir o cuidado de um ser que chegou ao mundo em desamparo biológico (OLIVEIRA, 2023).

A mãe sendo esse Outro primordial dispensa cuidados ao seu filho e o modo que ela cuidará, transmitindo sentimentos e carinhos (FREUD, 1913-1914), gerará uma excitação sexual que é, segundo Garcia-Roza (2009), o aumento da tensão psíquica com a presença de um prazer por ter a satisfação das zonas erógenas na criança. Esse é o marco temporal do autoerotismo em curso, onde a modalidade de satisfação é autoerótica e é isso que caracteriza a relação com o outro, pois nunca é sem o outro. As pulsões nesse momento são parciais já que as satisfações são localizadas nas zonas erógenas e a sexualidade é perversa e polimorfa. Perversa por não ter alcançado a zona genital que além de ser o objetivo a ser alcançado no futuro, é o que fornece a experiência de si como um indivíduo que faz parte da sucessão geracional e que pode procriar, mesmo que não o faça. Polimorfa pois são de várias formas,

transitando entre as zonas erógenas (OLIVEIRA, 2023). Os carinhos dispensados de formas não exageradas evitam que as pulsões sexuais despertem prematuramente - antes das condições físicas da puberdade - com imensa força e, dessa forma, a criança pode ser guiada à escolha do objeto sexual em sua maturidade. Para alcançar esse objetivo depende diretamente do exercício bem-sucedido de uma geração sobre a outra.

O marco temporal que se segue ao autoerotismo é o narcisismo, onde ocorre uma nova ação psíquica: o desenvolvimento do Eu. Sim, o Eu não existe desde o início, ele precisa ser desenvolvido. Nele há a identificação primária que consiste na criança se vê de acordo com o modo que a mãe a vê. Ela é "sua majestade, o bebê" e em sua onipotência narcísica acredita que o que quer, ocorrerá. Na sequência, ocorre o Complexo de Édipo, momento esse em que a criança ainda é cuidada e convive com os pais por um grande tempo e isso influencia diretamente nesse marco temporal (FREUD, 1940). O Complexo de Édipo é um termo vindo da lenda grega do Rei Édipo a qual será narrada abaixo.

Nessa lenda (SÓFOCLES, 427 a.C.), um oráculo enviado ao Rei Laio declara que ele morreria vítima do filho do casamento dele com Jocasta. A fim de evitar isso, o rei ordenou que mãos estranhas jogassem seu filho numa montanha inacessível. Anos depois, um homem bêbado denuncia a Édipo que ele é na verdade um filho abandonado. Depois de se dirigir àqueles que o criaram como filho e lhe asseguraram que eram seus pais, seguiu ao templo de Delfos, onde foi dito que ele estava fadado a casar com sua mãe, ter filhos desse relacionamento e matar o próprio pai. Em seguida, Édipo resolveu exilar-se para evitar tal destino. Entretanto, no caminho, o homem que conduzia os cavalos do Rei e o viajante o atacaram, empurrando-o. Édipo reagiu e assassinou todos, inclusive o Rei Laio, sem saber quem era seu pai biológico.

Um tempo depois, Tebas estava sofrendo com uma crise de calamidades, como a morte do rebanho e crianças que morriam ao nascer. Recorreram então ao deus Apolo que enunciou o mesmo oráculo a Édipo. Ao entrar em contato com um antigo servo de Laio, foi-lhe revelado que ele não é filho de Políbio e Mérope e que Jocasta, sua mãe biológica, o havia entregue a esse servo, mandando matá-lo. O servo, sem coragem, o entregou a um homem que o criaria longe do País. Desse modo, Édipo descobre que ele cumpriu o oráculo e de fato, matou seu pai, casou com sua mãe e teve filhos desse casamento (SÓFOCLES, 427 a.C.).

Antes porém de adentrar o Complexo de Édipo descrito por Freud nos meninos e nas meninas, faz-se necessário introduzir duas fases que a criança perpassa, que são as fases oral e sádico-anal. A fase oral tem relação com a boca ser o primeiro órgão que se apresenta como

zona erógena, nela há uma exigência libidinal que é dirigida ao psiquismo. Inicialmente a boca é utilizada para a alimentação, entretanto com a persistência e obstinada ação de chuchar fica perceptível uma necessidade de satisfação na busca por prazer que não se liga à alimentação (FREUD, 1940).

A segunda fase denominada por Freud de anal-sádica é caracterizada por uma satisfação na agressão e na função excretora (FREUD, 1940). É a dinâmica do dar e receber que se liga a expulsão e a retenção das fezes (GARCIA-ROZA, 2009). Ela evacua na hora certa (o dar) e recebe elogios de sua mãe, mas também pode reter e se satisfazer com o sofrimento do Outro. É nesse momento também que a criança inicia a percepção de que há um Outro além de si (OLIVEIRA, 2023). A terceira fase é a fase fálica, com ela, a sexualidade infantil tem o seu apogeu mas também o seu declínio se aproxima. Partindo do pressuposto da presença universal do pênis, as crianças colocam sua atividade sexual em prol da sua pesquisa sexual (FREUD, 1940). Nesse momento entra em cena a oposição fâlicos-castrados, tudo que não é o pênis ou foi cortado ou irá crescer ainda e o questionamento se constitui em volta de ter ou não ter o falo ou ser ou não ser o falo para a mãe (OLIVEIRA, 2023). O menino, que supostamente teria o falo, mas a mãe não pode ser esse objeto de amor, sofre com a ameaça de castração realizada pela função paterna. Ele sofre o maior trauma de sua vida entrando assim no período de latência, momento esse de colocar em suspenso todo esse questionamento. Já a menina vivencia a sua falta do pênis, ou seja, do falo e, como consequência, ela se afasta de sua vida sexual (FREUD, 1940). Mais detalhes existentes nessa última fase serão melhor descritos na sequência com os Complexos de Édipo e de castração.

A partir da conceituação acima é possível entender como funciona a dinâmica mãe-bebê. A relação da criança com a mãe inicia-se no seio desta última com a alimentação, sendo o primeiro objeto erótico da primeira, já que foi visto que o chuchar da criança busca uma satisfação a nível pulsional. Para a criança, não há distinção entre a mãe e o seio, são a mesma coisa. Depois de um determinado tempo - fase sádico-anal que promove a diferenciação de si e do outro - a criança difere o seio da pessoa da mãe que, cuidando do corpo da criança, se torna a primeira sedutora dela. Sedutora aqui não é no sentido convencional da palavra, mas é a mãe que convoca a criança, que a impele quando por exemplo, a embala, reduzindo desse modo a tensão psíquica existente, como no choro da criança (OLIVEIRA, 2023). É a mãe que olha o bebê com sentimentos que têm origem em sua própria vida sexual, dispensando carinhos e beijos, tratando-a como substituto de um objeto sexual completo, aquele que é o falo e tem o que lhe faltava. Vida sexual para Freud é algo muito mais amplo e está presente em todas as realizações humanas, bem como na

infância, na puberdade e na vida adulta (Freud, 1905). Daí surge o significado da mãe como primeiro e mais forte objeto amoroso e como modelo para os relacionamentos amorosos futuros. Isso em ambos os sexos.

Considerando a diferença anatômica entre os sexos, os desenvolvimentos da menina e do menino são diferentes, por isso Freud os descreve separadamente. Em *Romances familiares*, Freud (1909 [1908]) descreve como os pais são para a criança pequena autoridade única e fonte de todos os conhecimentos e como ela quer igualar-se a eles, "ser grande como seu pai e sua mãe" (p. 128). Mais especificamente ao progenitor do mesmo sexo, o que vai de encontro com o que Freud (1940) no *Compêndio de psicanálise* comenta, que o pai é para o menino seu "invejado modelo, dada a força física que nele percebe e a autoridade com que o encontra revestido." (p. 121-122). Posteriormente, com o desenvolvimento intelectual (FREUD, (1909 [1908]) a criança descobre a categoria a que seus pais pertencem, conhece outros pais e faz comparações entre eles. Os fatos da vida fornecem material para essa crítica por parte da criança. Contudo, ela também está relacionada aos impulsos mais intensos da rivalidade sexual. Oliveira (2023) enunciou que "quanto mais forte a relação com a mãe maior será a intensidade do complexo de Édipo e a rivalidade com o pai." Com o desenvolvimento intelectual e com esses impulsos, o menino estabelecerá uma relação de rivalidade com seu pai e irá querer retirá-lo do seu caminho.

Já a mãe, em algum momento, se dará conta de que não deve consentir com a excitação sexual do filho e o proibirá de manusear seu membro mas não terá o resultado desejado. Então, ela acrescenta o pai a cena dizendo que ele irá, depois dela contar a ele, retirar o pênis do menino. Aqui está iniciando o Complexo de castração, com a mãe apontando um outro para além dela. A ameaça ganha força quando o menino lembra da associação à genitália feminina, desprovida do pênis ou quando a vê um tempo depois e cai no Complexo de castração, sendo este o mais duro trauma que o menino experimenta em sua jovem vida. Com o intuito de salvar seu órgão sexual, o menino renuncia mais ou menos à posse da mãe e assume uma posição passiva diante do pai no lugar da anterior rivalidade. O Complexo de castração marca a saída do menino do Complexo de Édipo e sua entrada no período de latência. Toda a vivência é recalçada em caso de neurose e suas moções de sentimentos e reações antagônicas são preservadas no inconsciente, sendo capazes de retornar futuramente (FREUD, 1940).

A menina não precisa se preocupar com perder o pênis com a castração, mas tem de lidar com o fato de não tê-lo. Segundo Freud (1940), ela inveja o pênis nos meninos e tenta igualar-se a eles, - pela estimulação manual de seus órgãos genitais - porém não alcança seu

objetivo e, posteriormente, faz esforços para compensar o seu defeito, os quais a conduzem a uma orientação feminina normal. Com a mãe, a menina não a perdoa por tê-la trazido ao mundo tão precariamente equipada em comparação aos meninos. Por seu rancor, ela abandona a mãe como objeto de amor e o dirige ao seu pai e, como consequência desse abandono, se identifica com a sua mãe. O método da identificação é muito utilizado na perda de um objeto de amor (FREUD, (1917 [1915])) e a mãe é o primeiro objeto de amor de seu filho (FREUD, 1940). É um estágio preliminar de escolha de objeto presente na dissolução do Complexo de Édipo, esse objeto é portanto incorporado ao Eu aos moldes da fase oral-canibalesca (FREUD, (1917 [1915])). Em relação ao pai, o desejo de dispor de seu pênis é substituído pelo desejo de um filho seu e, mais adiante, ela escolherá seu marido com base nas características paternas. Dessa forma, a menina entra no Complexo de Édipo através do Complexo de castração (FREUD, 1924).

Para que esse processo ocorra de forma adequada, é necessário que se tenha uma função materna que reconheça a sua castração e aponte para o pai. Este será convocado a exercer uma função paterna firme, responsável por fornecer uma base sólida para seus filhos futuramente lidarem com as adversidades da vida. É verificável que existem variáveis formas dentre os modos de respostas a situações de cada um, dependerá de múltiplos fatores. Por isso, não se pode engessar que por ter funções maternas e paternas sólidas, será sempre satisfatória a sua forma de lidar com as adversidades. Entretanto, é uma vertente que merece ser estudada por seu grande destaque, principalmente na atualidade com a presença dos novos sintomas.

Retomando ao tema dos Complexos de Édipo e de castração, Lacan, com seu método de retorno a Freud, faz uma releitura dos mesmos, no qual ele utiliza quatro operadores lógicos: o desejo da mãe, o Nome-do-pai, a extração do objeto a e a significação fálica (OLIVEIRA, 2023). Inicialmente há a relação mãe-criança, na qual a criança é vista como complemento da falta da mãe. Isso porque a mãe, que já teve acesso ao seu Édipo e ao simbólico, vê a criança como um símbolo do falo. O simbólico é a lei que se dá na linguagem com a entrada na cultura, é o que distingue o animal, que segue seus instintos, do homem e o falo é, a nível simbólico, o que preenche o vazio e organiza as relações entre os sexos. Nesse caso, a criança é o que ocupa esse lugar de preenchimento da falta materna, numa indiferenciação mãe-criança. A criança torna-se então, desejo do desejo da mãe e crê que o falo é a representação de si mesma. Ela é o falo de sua mãe e a sua mãe, por sua vez, "tem" o falo. É possível observar com mais clareza essa indiferenciação mãe-criança descrita acima com falas de crianças como "neném quer água" ou "Pedro quer água", com a utilização da

terceira pessoa ao invés da primeira e também quando a criança bate e denuncia que o outro bateu nela (GARCIA-ROZA, 2009), pois o Eu ainda não se desenvolveu.

O operador Nome-do-pai entra em cena, com a castração simbólica, para possibilitar a separação mãe-criança, incidindo sobre o desejo da mãe quando enuncia que a criança não é o falo e que Outro, o pai, supostamente o detém. Dessa forma, o nome-do-pai também permite o acesso de forma parcial, ao real, metaforizando o gozo existente inconscientemente (OLIVEIRA, 2012). O real é o impossível de ser definido, mas que pode ser apreendido pelo simbólico (GARCIA-ROZA, 2009) e metaforizar é o mesmo que substituir, nesse caso, é a substituição do desejo materno por novas satisfações (OLIVEIRA, 2023), agora não mais no imaginário e sim no simbólico, na referência fálica (OLIVEIRA, 2012). Para que isso ocorra é necessário a extração do objeto a e, com ela, a criança inscreve uma falta, uma impossibilidade do desejo materno. É o nome-do-pai ou o não-do-pai que permite isso através da castração simbólica. Refere-se a "não-do-pai" ao analisar a homofonia na língua francesa entre non-du-père (não-do-pai) e "nome-do-pai" (nom-du-père) (OLIVEIRA, 2011). Esse não a faz concluir que ela não tem o necessário para preencher sua mãe e, essa falta irreduzível funda o desejo. Isso significa que com outros objetos, porém, ela poderá se satisfazer sempre parcialmente, entrando assim na sexualidade. Portanto, ela não é mais objeto materno e sim está inserida no circuito fálico (OLIVEIRA, 2012). Abaixo segue uma citação que solidifica o que foi apresentado:

A Metaforização do gozo realizada pela entrada da função paterna produz como efeito o encadeamento lógico da rede de significantes que constitui o inconsciente. O sujeito é produto desse jogo de representações que regulam a pulsão e o corpo no território do princípio do prazer (OLIVEIRA, 2012, p.1).

A partir da explicação e da citação acima é possível constatar que a incidência sobre desejo da mãe realizada pelo Nome-do-pai, a extração do objeto a e a sua conseqüente inserção da criança no circuito fálico são estruturantes e de base para a criança, que é um futuro adolescente e adulto, lidar com as futuras adversidades que aparecerão em sua vida.

Tendo em vista os conceitos explicados acima, faz-se necessário interrogar: qual é o lugar e a função da criança no núcleo familiar a que ela pertence? Para isso, Mannoni (1970, apud CHECCHINATO, 2007, p. 117), em sua obra, formula uma proposição central: a de que a criança é sintoma dos problemas dos pais. Lacan (1969, apud CHECCHINATO, 2007, p. 137) diz, em uma carta a uma amiga psicanalista, a doutora Aubry, que "o sintoma da criança

se encontra no lugar de responder àquilo que há de sintomático na estrutura familiar". Sendo assim, é notório que a relação dos pais como casal, como também a suas próprias questões refletem na criança, em quem ela é e em quem ela será futuramente. Portanto, os pais que devem ser analisados e, muitas vezes, reorganizados para possibilitar um bom desenvolvimento da criança.

Darriba e Oliveira (2015) também explicitam sobre a influência dos pais em suas crianças resultando no lugar e na função que elas ocuparão. Os autores enunciam que a psicanálise insiste na função dos pais na estruturação subjetiva de seus filhos. A estruturação subjetiva encarnará a tradição, a autoridade e dependerá intimamente da singularidade do investimento parental, assim como é explicado a seguir:

Por sua vez, o posicionamento dos pais mediante suas funções transmissoras está vinculado às suas respostas subjetivas frente ao real do sexo. O consentimento da mãe à castração, a nomeação do pai como o homem que para ela é a exceção, enquanto aquele que porta o que ela não tem, bem como a disposição do pai enquanto homem em localizar sua mulher como objeto causa do desejo, são determinantes do modo como se instaura a posição de objeto da criança como sintoma do desejo dos pais e de seu advento enquanto sujeito (DARRIBA E OLIVEIRA, 2015, p.268).

No livro *Psicanálise de pais, criança sintoma dos pais* Checchinato (2007) é apresentado um caso de um menino de quatro anos, que meio ano depois de iniciar sua atividade de luta na escola ficou agressivo com os amigos, com a mãe e com a babá dizendo que era o super-homem. Não obedecia a professora na natação dizendo que não precisava de professor, pois já sabia nadar. Os pais tentaram puni-lo proibindo a luta, brinquedos, filmes e nada adiantou. Consultaram Checchinato e com isso foi possível analisar que a mãe sempre desaprovava o pai na frente do menino, sempre diminuindo a autoridade do pai. Com Durval, a estratégia adotada foi a de reordenação edípica, de retificação das posições. Na prática os pais, os dois juntos, tiveram uma conversa severa com o filho após uma aula de natação. Dessa vez a mãe concordou com o pai, agindo em conjunto e, como resultado o menino começou a ir bem na escola, na natação e parou de bater nos colegas. O que permitiu que o comportamento da criança mudasse foi que a castração operou devido a atitude da mãe que "faz da palavra do pai", a mãe que aponta para o pai.

Segundo Maud Mannoni (1999 [1967], apud CHECCHINATO, 2007, p. 118-119) há certos feixes de palavras dentro do mito familiar que permeiam a criança, um discurso que

molda as pulsões nascentes fornecendo acesso à vida, aos desejos e à subjetividade. Esse mesmo discurso é o responsável pela repetição sintomática da criança e do adolescente. Dentro desse discurso, pode haver uma "palavra mortífera", que tem um peso que se insere na criança gerando uma chance emperrada (neurótico) e reduzida (psicótico) de acessar seu próprio desejo. Palavras essas que podem ser traumáticas e identificatórias para as crianças/adolescentes e influenciando em sua vida adulta.

1.2- Diferença Geracional

Esse tópico se deterá a algo que é essencial para o bom desenvolvimento e o bem-estar psíquico da criança, que é um futuro adolescente e adulto. Se trata da operação da diferença geracional em cada marco temporal. Checchinato (2007) evidencia que a relação triangular entre pais e filhos, a relação que estrutura a relação edípica, é a que gera um desenvolvimento subjetivo sadio e equilibrado para a criança. Essa relação triangular que se refere à relação mãe, pai e filho, se faz necessária com os pais ocupando uma distância considerável do filho, demarcando seu lugar diferenciado. Pois, dessa forma, os pais ocupam os seus lugares na cadeia geracional. Como foi referido anteriormente, a criança chega ao mundo em situação de desamparo biológico e tampouco o seu aparelho psíquico está pronto para ir ao auxílio de suas necessidades. Isso porque o Eu, que depois irá aparelhar melhor por ser dominado com considerações de segurança e de autopreservação (FREUD, 1856-1939), precisará ser desenvolvido. Outrossim, os Complexos de Édipo e de castração, que são estruturantes e fornecem uma base para lidar com as adversidades futuras, ainda não ocorreram ou estão ocorrendo. Portanto, a necessidade dessa relação triangular se torna clara, o que evidencia a importância da operação da diferença geracional para ocasionar um bom desenvolvimento à criança.

A partir dessa relação triangular, pode-se retomar o tema do Complexo de Édipo e associá-lo à identificação que foi mencionada previamente. Freud, em *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921), enuncia que para a Psicanálise a identificação é a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a uma outra pessoa e ela possui um papel de destaque na pré-história do Complexo de Édipo. Antes e durante o Édipo, o menino toma o pai por modelo, como um ideal a ser atingido à medida em que quer crescer e ser como ele, tomar o seu lugar em todas as situações perante a sua mãe. E assim como Freud destaca: "Percebe-se apenas que a identificação se empenha em configurar o próprio Eu à semelhança daquele

tomado por “modelo” (1921, p. 48), o menino tenta se tornar o pai em alguma medida e tomar o seu lugar.

Antes e durante esse momento do menino se identificar com o pai, ele investe libidinalmente em sua mãe e os dois movimentos coexistem até se tornarem inconcebíveis juntos e iniciar o Complexo de Édipo. Nele, o menino rivaliza com o pai para ficar com a mãe só para ele, a identificação se torna hostilidade e os impulsos incestuosos e parricidas tomam o lugar da antecedente admiração. O garoto, assim como na fase oral-canibalesca, quer aniquilar o pai e tomar o seu lugar (FREUD, 1921). O Complexo de Édipo finaliza com o menino aceitando que ele não é aquele que vai preencher a mãe, mas que no futuro ele pode ocupar essa posição, de supostamente ter o falo, com outra mulher. Dessa maneira é demarcada a diferença geracional, quando o menino entende o seu lugar atual e o lugar que poderá ocupar futuramente na cadeia geracional.

E, para garantir que a criança, que é um futuro adolescente e adulto, respeite e ocupe o seu lugar na cadeia geracional, ao final do complexo de Édipo há a uma identificação com certas partes e falas dos pais, introjetando-as em si no Supereu. O Supereu é a instância psíquica que foi destacada como herdeira do Complexo de Édipo por Freud (FREUD, 1923). Também Freud (1933), na *Conferência 31. A Dissecção da Personalidade Psíquica*, ressalta que o papel que o Supereu futuramente assumirá provém da autoridade parental. Que a mesma autoridade que influencia a criança, governando-a com provas de amor na maternagem e no cuidado, a ameaça de castigo ao manusear o pênis e ao querer o lugar do pai. O que gera o medo da perda do amor e, para não perder o amor, a criança opta por acolher a demanda. Isso demarca a operação da diferença geracional através da ação dos pais sobre os seus filhos. A influência é tanta que continuam presentes pela vida inteira da antiga criança através do Supereu como uma voz que diz o que pode e o que não pode fazer, e como se deve ser de acordo com os modelos introjetados no seu Supereu (FREUD, 1923). Nessa mesma Conferência, Freud demarca três gerações e como uma influencia a outra, cada uma no seu tempo:

Via de regra, os pais e autoridades análogas seguem, na educação da criança, os preceitos do seu próprio Super-eu. Não importando como o seu Eu tenha se arranjado com seu Super-eu, na educação da criança eles são rigorosos e exigentes. Esqueceram as dificuldades de sua própria infância, estão satisfeitos de poder identificar-se totalmente com os próprios pais, que a seu tempo lhes impuseram essas duras restrições. De modo que o Super-eu da criança é construído não segundo o modelo dos pais, mas do Super-eu dos

pais; preenche-se com o mesmo conteúdo, torna-se veículo da tradição, de todos os constantes valores que assim se propagaram de geração a geração (FREUD, 1933, p. 205).

Em *Algumas reflexões sobre a Psicologia escolar* Freud (1913-1914) enfatiza que de todas as imagens da infância nenhuma é mais importante para um jovem ou um homem que a do pai. Todas as outras relações seguintes - amizades ou amorosas - seguem a base desse protótipo, se tornam figuras substitutivas do primeiro objeto. O professor, por sua vez, encarna esse papel de substituto parental fazendo parte do Supereu e por isso se dirige a ele tanto à hostilidade como a admiração, como é explicado a seguir:

Foi por isso que, embora ainda bastante jovens, impressionaram-nos como tão maduros e tão inatingivelmente adultos. Transferimos para eles o respeito e as expectativas ligadas ao pai onisciente de nossa infância e depois começamos a tratá-los como tratávamos nossos pais em casa. Confrontamo-los com a ambivalência que tínhamos adquirido em nossas próprias famílias e, ajudados por ela, lutamos como tínhamos o hábito de lutar com nossos pais em carne e osso (FREUD, 1913-1914, p.288).

Um exemplo apresentado por Freud nesse mesmo texto é de quando há uma ordem de produzir uma redação e a obediência é automática (FREUD, 1913-1914). A citação e esse exemplo destacam a importância do primeiro objeto tomado pela criança, o pai, bem como a sua influência na busca por outros modelos nas outras relações. Seja nas amizades, amores ou escolarmente é sempre à luz da diferença geracional.

Na mesma direção de substitutos parentais Em *Psicologia das massas e a análise do Eu* (1921), Freud compara igreja e exército, os quais são formas de organização do social em que aparece a mesma diferença geracional do ciclo familiar. Portanto, o que ocorre no familiar se repete no social. Cristo, no caso da igreja - Católica - é um substituto paterno. Um bondoso irmão mais velho, o qual ama com o mesmo amor seus filhos - indivíduos da massa - e esse amor torna a relação entre a comunidade coesa, unidos por causa de Cristo. O mesmo sucede no exército. Nesse caso, o general é o pai que ama todos os seus soldados do mesmo modo seguindo uma hierarquia: o capitão ama a sua companhia, o suboficial a sua unidade. É possível observar tanto no exemplo da igreja como no do exército, que há um apelo à diferença geracional nos substitutos parentais, para que eles guiem os caminhos de seus súditos, como um mestre que tem muito a ensinar. Cristo mais ainda que o exército por estar

acima dos seres humanos. A perda dessas referências pode repercutir em como essa massa se relacionará, como está a seguir:

A ocasião típica para um acesso de pânico se assemelha muito à descrição feita por Nestroy, em sua paródia do drama de Hebbel sobre Judite e Holoferne. Nela, um soldado grita: “O general perdeu a cabeça!”, e com isso todos os assírios se põem a fugir. A perda do líder em qualquer sentido, a confusão que daí resulta, faz irromper o pânico, ante um perigo que permanece; com a ligação ao líder desaparecem também — via de regra — as ligações recíprocas dos indivíduos da massa (FREUD, 1921, p. 40).

Na neurose é possível observar como a identificação ao nível do Supereu e o sentimento inconsciente de culpa operam, demarcando o reflexo da diferença geracional. Em *totem e tabu* (FREUD, 1912-1913), partindo da horda primeva de Charles Darwin e dos acontecimentos sucessivos, Freud investiga sobre os neuróticos obsessivos e o seu adoecimento. A investigação psicanalítica desses casos demonstra que as recriminações obsessivas têm sua justificativa no desejo inconsciente de ter provocado a morte da pessoa amada. Para isso se tornar mais claro, segue um exemplo do próprio Freud (1936) no texto intitulado *Um distúrbio de memória na acrópole*.

Nesse texto, Freud relata que viajou com seu irmão para Atenas quando adveio o pensamento a ele de que tudo aquilo de fato existia, assim como aprendeu na escola. Segundo o mesmo, era como se fossem duas pessoas dentro dele. Uma que fez o comentário, que duvidava da existência real de Atenas e outra que percebia o comentário e estava surpresa por possuir dúvidas quanto à existência de Atenas do modo que aprendeu anteriormente. Em seguida, Freud discorre sobre os que “fracassam no triunfo” justificando esse fracasso com o sentimento de culpa, que é definido como uma materialização do rigoroso Supereu. O Supereu é a sedimentação da instância punitiva de nossa infância. Ele utiliza esse mesmo sentimento de culpa para explicar essas “duas pessoas dentro dele”. Freud e o irmão chegaram muito longe, à Atenas, onde o pai deles, um comerciante sem educação ginásial, não sonharia em chegar. Isso demonstra uma superação ao próprio pai, o que pode ser atormentador já que está em jogo a atualização do Édipo e os impulsos parricidas. Superar o pai é como se tivesse o assassinado, por esse motivo o sentimento de culpa que retorna como sentimento de pena, como um impulso de piedade, segundo Freud. Pena ao invés de triunfo. Esse é o modo neurótico de constatar a diferença geracional.

No marco temporal da adolescência é possível observar também a importância da diferença geracional. Nesse momento ocorre um desligamento do adolescente da autoridade dos pais (FREUD, 1913-1914) e a sua inserção no mercado de trabalho. E, já que todo o progresso da sociedade depende da oposição das gerações (FREUD, 1909 [1908]), a geração mais nova vai promover um avanço cultural frente ao que a antiga promoveu (FREUD, 1905). Isso graças a essa oposição existente na diferença geracional. Evidenciando, dessa forma, a grande importância da diferença geracional para toda uma sociedade.

Desse modo, fica notório que o ser humano tem uma propensão a colocar alguém na função paterna, como uma forma de apelo ao Outro. Isso para superar o desamparo a que se está submetido ao chegar no mundo (OLIVEIRA, 2023).

1.3- Inversão geracional

Partindo da noção de prematuração explorada por Freud e Lacan que foi explicada previamente neste texto, devido ao inacabamento do homem perante o nascimento e a sua necessidade, por esse motivo, da maternagem, Dufour (2016) faz referência ao conceito de neotenia. A neotenia consiste na permanência de características infantis na vida adulta. Freud, na *Conferência 32. Angústia e instintos* (1933), faz alusão a esse conceito ao associar o desamparo psíquico à imaturidade inicial do Eu na infância. Essa associação ocasiona o medo da perda do amor do objeto, no caso, do amor da mãe. Isso frente aos perigos da castração e posteriormente na angústia frente ao Supereu. Portanto, é possível constatar que o que permanece na vida adulta do neurótico segundo Freud (s/a, apud DUFOUR, 2016), é a necessidade de ser amado fomentado pelo medo de perder esse amor e é também isso que, segundo o mesmo autor, ocasiona a neurose.

Freud também destaca em *Futuro de uma Ilusão* (1927) que por o desamparo, que gera essa necessidade de ser amado, permanecer na vida do ser humano, como consequência há o anseio pelo pai e pelos deuses. E Dufour (2016), por sua vez, ressalta que o conceito de neotenia é encontrado na teologia alemã. *Hilflosigkeit* significa ajuda e, para Lutero, essa ajuda vem de Deus que resgata o ser humano do diabo. Então, a neotenia, *Hilflosigkeit*, se refere a uma necessidade de amor de Deus. Portanto, o "muito inferior" - o ser humano - para sair dessa posição de desamparo recorre ao "muito alto" - Deus - porque é preciso que se tenha um grande sujeito, suposto tudo saber, tudo poder e tudo ver para que o ser humano possa

encontrar seu lugar. Esse seria então Deus por excelência e se desloca para a mãe, o pai e os grandes Outros encontrados ao longo da vida, a quem se atribui esse valor.

Entretanto, ao longo dos anos, tem-se observado que a sociedade tem passado por grandes mudanças em seus ideais e em suas crenças, porém algo permanece: a necessidade de um Outro. Segundo Oliveira (2011, s/p) “A época moderna recusa a autoridade religiosa e o sentido fundado na fé, instituindo a família nuclear de base patriarcal, a qual, por sua vez, é fundada na tradição e na hierarquia geracional.” Isso porque o Estado moderno restringe o poder da crença em Deus, no Rei e no Papa com a laicidade do Estado. Não há uma religião oficial, o que torna essa questão de cunho individual e pessoal. Desse modo, o pai de família, para quem era deslocada a internalização da crença inconsciente no pai que, por excelência era Deus, sofre os efeitos dessa queda da fé divina medieval. Mas como isso ocorre?

A partir da modernidade ninguém mais detém essa totalidade que antes pertencia à Deus e garantia esse lugar e peso simbólico para o pai de família. Já na contemporaneidade, por influência do capitalismo pós-industrial, que fragiliza a crença num Outro consistente pelas promessas de felicidade da sociedade de consumo que não se realizam, tem ocorrido uma erosão dos papéis parentais. O Outro se torna decepcionante já que os discursos individualistas, igualitários, liberais e progressistas não garantem a ascensão social almejada (COELHO DOS SANTOS e OLIVEIRA, 2022). Essa decepção com o Outro, intensifica o que a época moderna anunciou, o que torna propícia a inversão geracional. O que sucede é uma progressiva desqualificação da função paterna tanto em nível maior pelo Estado como em menor nas famílias. E, por consequência, a simbolização das cadeias geracionais ficou prejudicada e os papéis na cadeia geracional estão confusos e até invertidos. Isso porque não há mais a presença dos tabus e sim uma difusão dos ideais permissivos que resulta no “recalque da questão do sexo, da transmissão e do mistério que é para a criança a união e a desunião de seus pais” (COTTET, s/a apud OLIVEIRA E DARRIBA, 2015, p. 275). É a supressão de tudo aquilo que os Complexos de Édipo e de castração possibilitam em termos de lugar que cada um pertence na cadeia geracional, como dito a seguir:

Para Cottet, a versão moderna da “sua majestade, o bebê” freudiana é a abolição da diferença geracional: a criança é posta em igualdade com os adultos, detendo seus próprios direitos, o que pode resultar no apagamento de seu estatuto de criança (OLIVEIRA E DARRIBA, 2015, p. 275).

O crescimento da referida lógica radicalmente igualitária nas relações entre pais e crianças também é questionada por Checchinato (2007) no livro *Criança, sintoma dos pais*. O autor questiona a seguinte proposição cada vez mais comum na contemporaneidade: ser pai é ser amigo da criança. Em seguida, ele enuncia que isso não é possível, já que a mensagem que a palavra pai porta, segundo Heidegger (s/a, apud CHECCHINATO, 2007), não é a mesma de um amigo e, para a Psicanálise, a palavra determina o sujeito. Portanto, não há como pai e mãe se colocarem na mesma posição de seus filhos, o que ocorre quando os pais se tornam amigos dos mesmos. E isso se justifica por a relação de amizade ser circular, responsável pela união das pessoas que não são parentes e a relação mãe, pai e filho ser triangular, já que “ser filho não é a mesma coisa de ser pai, mas é indicativo de uma relação única, selada por uma transmissão parental estruturalmente inconsciente. Ser pai é ser pai, como ser mãe é ser mãe” (Checchinato, 2007, p. 93). Se essas relações se misturam, há sérias consequências à subjetividade da criança, que é uma futura adolescente e adulta. Essa confusão entre os lugares simbólicos é o que têm ocorrido na contemporaneidade.

Dentre as consequências psíquicas desse fenômeno pode-se incluir um sofrimento psíquico intenso relacionado a não demarcação das funções maternas e paternas. Há uma confusão para a criança sobre o lugar que ela pertence naquela família, já que ela foi colocada na posição de amiga dos pais, e, sem um Outro a quem se referir, assume a posição de mãe da mãe e pai do pai, sem nenhuma estrutura psíquica para isso. O filho, portanto, exerce uma autoridade que não é sua perante os seus pais, sendo o Outro de si mesmo. Nesse sentido, é notória a inversão existente entre os papéis da cadeia geracional ao invés dos pais assumirem os seus respectivos lugares.

Para corroborar com a importância dos pais assumirem seus lugares na cadeia geracional é possível se referir a Ferenczi, ainda que não seja nosso objetivo apresentar de forma aprofundada a teoria desse autor da forma como ela mereceria. Em sua obra, o autor afirma a necessidade dos pais se adaptarem aos seus filhos no sentido de se engajarem na sua tarefa cultural de cuidado dos filhos, o que fará com que os mesmos se sintam bem-vindos na família, sua primeira relação interpessoal na vida. Para Ferenczi, a criança ter ou não ter com quem contar faz muita diferença, já que as falhas nos papéis parentais podem acarretar traumas para os seus filhos (1928-1992, apud MELLO et al, 2015). Traumas advindos (MELLO et al, 2015) do desamparo e da vulnerabilidade a que ficam expostas essas crianças sem serem tuteladas pelas instâncias parentais.

A psicanalista Schmeideberg explica possíveis motivos para os pais falharem no seu papel de tutela de exercício de funções estruturantes de seus filhos. Ela destaca

(SCHMIDEBERG, 1948, apud MELLO et al, 2015) que os pais que vivenciaram experiências com alto custo emocional, como conflitos conjugais com perdas significativas, podem vir a ceder do seu lugar simbólico para investir nos filhos como figuras parentais. Esse mesmo impasse pode ocorrer no caso de recasamento dos pais, devido a instabilidade que esse momento fornece e por ser uma reorganização dos papéis conjugais. Esses pais ficam muito absorvidos pela instabilidade de suas vidas afetivas, nesse processo de reconstrução de suas relações conjugais (HAXHE, 2013; HECK & JANNE, 2011, apud MELLO et al, 2015). O objetivo aqui não é condenar separações conjugais, mas considerar a importância psíquica desse acontecimento para os filhos. Até porque há casos que ela se faz necessária, como momentos em que a desestabilização da célula familiar pode afrouxar a boa demarcação da diferença geracional exemplificada pelas violências domésticas, brigas intensas entre os pais na frente da criança, etc. Nesses casos a separação pode ser a forma de estabelecer a diferença geracional novamente. Certamente, essa ponderação não despreza a necessidade de avaliar caso a caso.

A consequência disso é a criança se sentir convocada a assumir o papel parental de diversas formas, podendo ser como pacificadores, ajudantes e confidentes fortalecendo desse modo as relações, principalmente a dos pais quando estão juntos (MAHLER e RABINOVITCH, 1956, apud MELLO et al, 2015). No caso de separação dos pais a criança tende a preencher o lugar vazio deixado por essa situação (ANNA FREUD, 1965, apud MELLO et al., 2015). Ela pode assumir também o “papel do cuidador” e o “papel de sacrifício”. No primeiro a criança pode, por exemplo cuidar de seus irmãos mais novos ou, em caso de depressão da mãe, é ela a cuidar da mesma, a animando. No segundo papel pode-se considerar o filho de pai alcoolista que pode assumir o papel de controle da dinâmica familiar, sendo convocado a ser “mais adulto” que o seu pai (BOSZORMENYI-NAGY, 2012-1973, apud MELLO et al, 2015). E nesse ponto está o sacrifício, a criança sacrifica o que tem de mais precioso, a sua infância, para cuidar de seu pai alcoolizado recorrentemente, quando na verdade ela deveria estar sendo cuidada pela figura parental. Além disso, ainda assume para si a responsabilidade sobre a família, deixando muitas vezes as suas vontades e necessidades de lado em prol da coesão familiar. Há ainda algumas outras conjunturas que podem propiciar que as crianças se sintam convocadas a assumir o papel parental como: situações de indiferença, atribulações, inabilidade, incompreensão, imaturidade, histórias familiares, ou mesmo, loucura do papel parental, são situações que "precisam receber mais do que dar." (MELLO et al, 2015, p. 219). Tudo isso são efeitos da inversão geracional ligados a uma série de situações possíveis.

Pelos adultos, essa criança é reconhecida como “a criança sábia”, que possui facilidade na relação com os outros adultos e que está a frente de sua época. Como consequência dessa posição assumida pela criança, ela é excepcional na escola, já que precisa corresponder a posição que foi colocada pelas figuras parentais, não permitindo a si mesma menos do que ser excepcional. Ou seja, possui uma alta exigência psíquica. Ela também possui problemas para dormir, pois precisa estar atenta para “guardar” seus pais quanto a segurança deles e quanto a eventual desestabilização que possa ocorrer no lar (DUNKER, 2023).

Além disso, há a possibilidade dessa criança apresentar sentimento de culpa e de inadequação ao lugar que está ocupando, o que condiz com a realidade, já que de fato aquele não é o seu lugar. Tudo isso tem um custo psíquico muito elevado para a criança, já que está transgredindo a diferença geracional na relação edípica. Em ato, ela está deixando a sua posição de criança para assumir uma posição de adulta, o que requer uma maturação precoce da criança. Como afirma Dunker (2023) a criança passa a assumir a “função terapêutica dos pais ou daqueles que cuidam dessa criança”, função de alívio do mal-estar. Muitas vezes essa posição de adulta é fortalecida pelos pais que contam à criança suas questões, seus problemas e esperam soluções das mesmas. Há, portanto, uma confusão de línguas entre adultos e crianças. Essa última frase é uma menção de Dunker a Ferenczi (2023). Esse parágrafo não visa se aprofundar na obra de Ferenczi, apenas evidenciar as relações que Christian Dunker realiza de alguns conceitos Ferenczianos com a inversão geracional.

Um exemplo de inversão geracional e das consequências físicas e psíquicas da mesma se encontra no artigo intitulado *Sobre a importância da transmissão parental do desejo para a Psicanálise a partir de um caso de obesidade infantil* (2015). Nele é relatado um caso clínico que foi atendido pela, na época, residente Flavia Lana Garcia de Oliveira, onde um menino, Tiago, de nove anos, foi encaminhado em interconsulta para a Psicologia. Isso porque apresentava obesidade grave e por seu comportamento ser considerado a principal interferência no tratamento, segundo os profissionais que trabalhavam no caso. Ao atendê-lo, foi possível verificar que os pais de Tiago se separaram quando ele tinha quatro meses devido a influência forte de sua avó sobre a mãe dele e, quando Tiago tinha três anos, o pai se mudou para outra região do País, o que pode ter gerado a sua compulsão alimentar.

As falas da mãe sobre o pai após esses acontecimentos eram de forma depreciativa e a mesma instituiu o irmão mais velho como “o homem da casa”, apesar de haver pouca diferença de idade entre eles. Essa instituição gerou um estranhamento justo em Tiago que não compreendia como seu irmão poderia receber esse papel na casa. Em seguida Carla, a

mãe, relata que devido a enurese noturna de Tiago ele dorme sozinho num colchão e ela dorme na mesma cama com o irmão mais velho. Em outras sessões Tiago refere-se a mãe como uma garota e ele como um adulto, assim como a um primo que para Tiago, possuiria o mesmo grau de parentesco com ele e com a mãe. Esses pontos sugerem uma inversão nos papéis de cada um na cadeia geracional, o que leva Tiago a essa desorganização de suas ideias e seus comportamentos ditos rebeldes. Flavia realizou uma reiterada intervenção para que houvesse uma reorganização dos locais em que cada um dormia, reorganizando desse modo, a cadeia geracional. A residente também indagou a mãe sobre a impossibilidade do parentesco ser o mesmo entre mãe e filho em relação ao primo, ao que ela respondeu que o primo seria de primeiro grau dela e de segundo do Tiago. Isso surpreendeu o menino e aguçou sua curiosidade, proporcionando mais perguntas sobre os graus de parentesco em sua família. Como resultado do tratamento houve a diminuição do peso de Tiago (DARRIBA E OLIVEIRA, 2015).

Já na adolescência, há um desligamento da autoridade dos pais, após uma nova elaboração psíquica que leva a superação das fantasias infantis incestuosas. Esse desligamento que leva a uma separação permite examinar as relações do sujeito com os papéis maternos e paternos. É um momento muito doloroso mas muito relevante pois, pela oposição da nova geração frente a antiga, é possível ter o avanço da cultura (FREUD, 1905).

O adolescente pode e precisa se desligar dos pais, porém isso não significa que os pais podem se desligar de seus filhos (OLIVEIRA, 2023). Se assim o fizessem seria abandoná-los ao desamparo num momento de muitas mudanças físicas, psicológicas e emocionais. Se faz necessário que nessa fase da vida, uma geração mais experiente oriente e guie o adolescente, evitando que a pulsão tome caminhos piores e o pior aconteça. Quando as gerações estão invertidas o adolescente não tem o Outro para contar quando mais precisa e, por consequência, torna-se o Outro de si mesmo. Isso se torna mais claro com um caso que foi atendido pela equipe do meu Estágio Específico no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da UFF que será descrito abaixo.

Um jovem adulto atendido no Serviço de Psicologia Aplicada da Universidade Federal Fluminense (SPA-UFF) relata administrar o dinheiro de seu pai controlando os gastos, as contas de casa, dívidas a pagar e quanto guardar. Isso porque o pai não consegue se controlar quanto a esse quesito. Ele é também o responsável por marcar médicos e exames para si e para a mãe, o que ocasiona a enunciação “Eu sou sozinho para tudo” (Sic). Além disso, ele expôs ter tido uma mãe alcoolista que várias vezes chegou em casa bêbada necessitando que ele cuidasse dela, dando banho e colocando-a na cama. Devido a esses acontecimentos o

paciente expressou: "Ser pai dos meus pais" (Sic). Essas situações evidenciam que há uma inversão geracional já que o pai deveria tomar certas responsabilidades e atitudes, ao invés do filho precisar tomá-las, ao passo que era a mãe que deveria cuidar dele quando na verdade foi a cuidada em seu vício. Esse contexto ocasiona conflitos quanto a sua posição na hierarquia geracional se expandindo para as outras relações de sua vida.

Outro exemplo de inversão geracional na adolescência se encontra na série *This is us*, no décimo episódio da segunda temporada, denominado "Number three". Nele, a mãe da personagem Déjà, Shauna, uma mulher com problemas com drogas ilícitas e que sempre se relaciona com namorados problemáticos, reaparece em sua vida, mais especificamente na casa dos seus acolhedores Randall e Beth Pearson. Episódios antes sua mãe é presa por a arma de seu namorado ser encontrada em seu carro, o que ocasiona a sua acolhida pelos Pearsons. Entretanto, o processo é arquivado e a mãe de Déjà é solta. Em seguida, a mãe se dirige à casa deles e realiza um escândalo, querendo levar a filha naquele momento. Déjà vai ao encontro de sua mãe e lhe diz para esperar a assistente social ligar e autorizar a sua volta para casa, o que Shauna responde com uma frase que evidencia a inversão geracional: "O que eu faria sem a minha Déjà?"

Na vida adulta, há outro modo de inversão geracional bem comum que ocorre quando os pais estão idosos e, por algum problema motor ou outros, necessitam dos cuidados do (a) filho (a), dependendo inteiramente do Outro (Mucida, 2006). De acordo Herfray ((1988)²⁷ (apud MUCIDA, 2006) nesse momento do cuidado ocorrem reatualizações dos impulsos edípicos - incesto e parricídio - com a predominância da ambivalência afetiva, já que os amam mas também possuem o desejo inconsciente de morte dos pais. Mucida então exprime que "acentuamos anteriormente que, no inconsciente, nossos pais são sempre os velhos, e todas as dificuldades anteriores podem ressurgir de um modo muito intenso, e nem sempre o amor suplanta o ódio" (MUCIDA, 2006, p. 196).

Como se pode ver, a inversão geracional traz consequências psíquicas elevadas, em decorrência desse afrouxamento do laço com o Outro. A diferença geracional desvela o lugar que cada um ocupa na cadeia geracional possibilitando aos pais e aos filhos viver bem dentro do possível. Ela pode não operar devido a variados fatores os quais alguns foram citados e desenvolvidos acima.

CAPÍTULO 2

A inversão geracional presente na Melancolia

2.1 - Melancolia: histórico e conceituação

No capítulo anterior, foram apresentadas algumas consequências da inversão geracional quando esta é, de alguma maneira, incentivada pelos pais em sua dinâmica com seus filhos. O objetivo deste segundo capítulo é dar enfoque à resposta singular de cada sujeito, que pode ter possuído pais que transmitiram a diferença geracional ou pais que inverteram essa lógica por diversos motivos, como visto previamente. Entre as várias respostas singulares possíveis, a melancolia é uma delas e a que será abordada neste segundo capítulo. Nela a inversão geracional se faz presente como um elemento clínico relevante (OLIVEIRA, 2024). Entretanto, antes de adentrar na explicação do porquê e como isso ocorre, é necessário melhor historicizar e conceituar a melancolia.

A melancolia é um conceito que atravessa várias épocas, sendo definida de diferentes formas. Na Grécia antiga (COELHO DOS SANTOS e OLIVEIRA, 2022) a concepção humoral associava a melancolia com o excesso de bílis negra no corpo. Na Idade Média, é vista pelo viés religioso da tradição cristã e da filosofia medieval como objeto de reflexão moral. Ela se originaria de uma tristeza do espírito, relacionada com a alma que está amargurada pela ação do demônio, o que dificulta a contemplação de Deus pelos monges.

Já no Renascimento, a melancolia é vista como algo que propicia a criação, com o resgate da aproximação do melancólico como um “homem gênio” realizada por Aristóteles. Porém, com o advento do Iluminismo há uma desmistificação desses benefícios da melancolia e ela se torna então “uma patologia inquietante, uma alienação da imaginação que arruína gravemente os espíritos” (PRIGENT, 2005 apud COELHO DOS SANTOS e OLIVEIRA, 2022, p. 13). Com o Romantismo que confere legitimidade ao homem sensível, que está à margem da sociedade, ocorre uma bifurcação desse conceito. A Psiquiatria clássica de um lado considerando a melancolia como uma psicopatologia com regularidades em sua evolução e o romantismo do outro privilegiando as emoções, a subjetividade e a individualidade. Houve também a Revolução Francesa com os seus ideais de liberdade, igualdade e fraternidade que ainda repercutem. Ideais esses que não se cumprem integralmente e, cuja decepção torna propícia a melancolia.

Freud também trabalhou sobre o conceito da melancolia em suas obras ao longo do tempo, em rascunhos e em textos mais específicos, formalizando melhor o conceito de acordo

com o que foi observando em sua clínica. Já nas obras pré-psicanalíticas, ou seja, antes de sua teoria ser mais consistentemente desenvolvida, Freud explicava a melancolia pelas vias biológicas que possuía na época. Em *Rascunho E. Como se origina a angústia*, Freud (1894/1996) compara a neurose de angústia à melancolia. Na primeira há uma acumulação de tensão sexual física pela descarga da libido ter sido evitada, constituindo uma neurose de represamento. E a segunda se caracteriza por uma anestesia psíquica e pela não necessidade de relação sexual, porém possuir um grande anseio pelo amor em sua forma psíquica. Ou seja, trata-se de uma tensão erótica psíquica que quando se acumula propicia o desenvolvimento da melancolia. Portanto, “onde se acumula tensão sexual física - neurose de angústia. Onde se acumula tensão sexual psíquica - melancolia” (p. 143).

Já no *Rascunho K. As neuroses de defesa*. (1886/1996), Freud descreve os processos de defesa das neuroses. A defesa diz respeito à dificuldade de lidar com o desamparo. É uma aversão a responsabilizar-se, a pensar, em última instância é uma aversão a alteração da direção, o que é explicado pela lei da constância (OLIVEIRA, 2024). Essa lei se refere ao princípio da homeostase, o qual quer manter a energia psíquica num certo equilíbrio (FREUD, 1920). A defesa também tem relação com as nossas fantasias e as construções que o indivíduo fez ligadas a elas, ou seja, ao modo de satisfação mais particular. Ela vem, portanto, no lugar de uma elaboração podendo algumas serem até mais engenhosas, como o recalque.

O recalque consiste num desligamento, numa forma de se separar de uma tendência interna que é ameaçadora (OLIVEIRA, 2024). Essa tendência diz respeito aos impulsos sexuais infantis como os das pulsões parciais no autoerotismo e os da relação com a mãe como o incesto e o parricídio (FREUD, 1905). O recalque então é com o que a criança conta e que leva a uma modificação contundente na vida pulsional, impedindo que se permaneça nos regimes mais arcaicos para poder ingressar no laço social (OLIVEIRA, 2024). A vergonha e a moralidade atuam como forças recalcadoras que motivam o desprazer e auxiliam na adesão ao pacto simbólico. Segundo Freud (1905) a vergonha e a moralidade são as forças que represam o desenvolvimento sexual, no sentido dos impulsos sexuais infantis. O autor também enuncia que essas forças devem ser vistas como precipitados históricos das inibições externas realizadas pela humanidade. Aparecem ao longo do desenvolvimento do indivíduo através da educação e de outras influências (FREUD, 1905). A vergonha e a moralidade correspondem então à diferença geracional transmitindo o essencial para o ingresso na cultura e, por esse motivo, atuam como as forças recalcadoras (OLIVEIRA, 2024).

Em relação à neurose obsessiva ele enuncia que há a presença do prazer na experiência primária em idade muito precoce (FREUD, 1886/1996). Posteriormente, com a

lembrança do prazer, o desprazer emerge junto com a autocensura. Após isso ocorre o recalçamento e, mais adiante, o retorno do recalçado. Nesse segundo momento, a autocensura se manifesta como sentimento de culpa e se liga a um conteúdo distorcido no tempo e no conteúdo. A distorção no tempo se apresenta como se fosse contemporâneo ou futuro, mas nunca passado. Já no conteúdo aparece não significando o evento real, e sim um evento substituto que possua alguma semelhança.

Na paranóia, o processo seria igual até o retorno do recalçado. Nele as lembranças retornam distorcidas ao serem substituídas na imagem, que aparece no presente e na autocensura, retornando com as vozes. Pode-se então dizer que a defesa fracassou de vez, o que é demonstrado pelo retorno nas vozes. O processo pode-se concluir ou desembocar na melancolia, na qual há o sentimento de aniquilação do Eu. Isso porque, de um modo secundário, as distorções são ligadas a crença que foi desvinculada da autocensura. As distorções podem ainda se ligar aos delírios protetores - megalomania - até o Eu ser remodelado completamente (FREUD, 1886/1996). Na melancolia há uma rejeição da diferença geracional. Essa rejeição impede que se barre exigências que não oferecem trégua e que não se retificam e isso gera uma deformação no Eu. Esse segundo caso ocorre mais frequentemente (OLIVEIRA, 2024).

Nos Rascunhos expostos acima, Freud introduziu alguns pontos sobre a melancolia, mas é o Rascunho G. Melancolia (1895a/1996) que ele dedica somente a esse tema. Nele, Freud destaca que “os indivíduos potentes adquirem facilmente neuroses de angústia, os impotentes tendem à melancolia.” (p. 154). Ele também define quatro tipos de melancolias: melancolia grave comum propriamente dita, melancolia cíclica, melancolia neurastênica e melancolia de angústia. Sendo a primeira a que cessa a excitação sexual somática - no corpo -, no órgão efeto. Na segunda se alternam períodos de aumento e cessação da produção da excitação sexual somática. A terceira diz respeito à masturbação excessiva que afeta a produção de excitação sexual somática, reduzindo-a e causando o enfraquecimento do grupo sexual psíquico com o desvio da tensão sexual. Esse desvio da tensão do grupo sexual psíquico culmina na melancolia de angústia, onde a excitação sexual somática é utilizada na fronteira entre o somático e o psíquico e, portanto, forma um misto que reúne neurose de angústia e melancolia.

Podemos considerar que o grupo sexual psíquico referido acima diz respeito aos Complexos de Édipo e de castração formalizados por Freud posteriormente. O Complexo de castração é o que ocasiona a dissolução do complexo de Édipo no menino e a entrada da menina nele. Na menina, o complexo de Édipo vai se dissolvendo ao longo do tempo ao

perceber que os dois desejos, tanto de ter um pênis como o de ter um filho do pai, não se realizarão (FREUD, 1924). Mas ambos os processos iniciam pela descoberta da diferença anatômica entre os sexos.

Essa descoberta se dá com a criança se deparando com a diferença sexual pela visualização de outro genital, marcando a diferença anatômica entre os sexos. Essa marca da diferença sexual possui consequências psíquicas diferentes para o menino e para a menina como foi descrito no capítulo anterior (FREUD, 1933). A criança, por sua vez, utiliza-se de teorias sexuais infantis para explicar a diferença sexual, e a primeira teoria infantil singular é a suposição de que há o mesmo genital - o masculino - em todas as pessoas (FREUD, 1905). Então se dividirá pela oposição de fálcos-castrados, onde quem tem o pênis é fálco e quem não tem é castrado - a mãe e a menina. Isso serve também para a descoberta da criança que há algo a mais na vida da mãe, que ela não é o falo e não a preenche. Esse algo a mais é o pai e, na perspectiva lacaniana, o Nome-do-pai é o responsável por sinalizar que há algo a mais para além da perda, que perde aqui para ganhar ali (OLIVEIRA, 2022). Em consequência dessa simbolização da perda do objeto de amor edípico - a mãe - o objeto pode ser recalado, dissolvendo desse modo o Complexo de Édipo. Antes, o que se tinha era uma aspiração por uma satisfação absoluta, com a falsa completude do narcisismo. Isso porque ocorreu o trabalho do luto, que é o que permite que o Eu possa reagir a perda do objeto perdido sem ser deformado e ser capaz de dissolver as perdas pós-edípicas no futuro (COELHO DOS SANTOS e OLIVEIRA, 2022).

Já o melancólico não conta com o recalque para se defender da identificação ao objeto incestuoso. Coelho dos Santos (2016) ressalta que “o investimento objetal leva ao encontro com um obstáculo à plena satisfação. O melancólico não suporta esse desapontamento” (2016 apud COELHO DOS SANTOS e OLIVEIRA, 2022, p. 15). O melancólico não suporta a impossibilidade de plena satisfação por estar fixado no trauma frente a diferença anatômica entre os sexos, pois, é por meio da diferença sexual e da diferença geracional que se inscreve a falta da completude pulsional.

A diferença geracional corresponde a uma subjetivação da temporalidade e da alteridade que consente com os lugares simbólicos pertencentes a cada geração, assimetricamente e a partir da dimensão de hierarquia (OLIVEIRA, 2024). A desqualificação da autoridade simbólica frequente na contemporaneidade é responsável pela experiência da falta do Outro como algo insuportável, que se configura como puro trauma e não permite que haja a elaboração sexual do desejo (COELHO DOS SANTOS e OLIVEIRA, 2017). Em *Além do princípio do prazer*, Freud (1920) define trauma a partir da conceituação do desprazer

como um aumento da quantidade de excitação e do prazer como uma diminuição dessa quantidade e ressalta que o aparelho psíquico tende a conservar a quantidade de excitação existente nele o mais baixa possível. Tudo o que aumenta essa quantidade de excitação é visto como desprazeroso.

Há também uma barreira de proteção contra estímulos do mundo externo no aparelho psíquico, com o intuito de evitar o desprazer. As excitações internas são igualmente recebidas, mas a barreira de proteção não funciona para elas. É preciso então que haja a prevalência das sensações da série prazer-desprazer como um índice do que acontece dentro do aparelho psíquico para que sejam tratadas como se fossem externas. Desse modo, pode-se usar contra elas as mesmas defesas da proteção contra estímulos externos. Às excitações externas que são fortes o suficiente para romper a barreira de proteção denominamos traumáticas, ocasionando uma grande perturbação, como dito a seguir:

Um evento como o trauma externo vai gerar uma enorme perturbação no gerenciamento de energia do organismo e pôr em movimento todos os meios de defesa. Mas o princípio do prazer é inicialmente posto fora de ação. Já não se pode evitar que o aparelho psíquico seja inundado por grandes quantidades de estímulo; surge, isto sim, outra tarefa, a de controlar o estímulo, de ligar psicologicamente as quantidades de estímulo que irromperam, para conduzi-las à eliminação (FREUD, 1920, p. 141).

O autor também discorre nesse mesmo texto sobre a neurose traumática comum e duas características suas: ser causada por uma fator surpresa que desperta terror e uma ferida ou contusão sofrida simultaneamente que atuava contra o surgimento da neurose. Para fins deste texto, a primeira característica que nos interessa particularmente. Freud relaciona o terror ao estado que se fica ao correr um perigo sem estar preparado, ou seja, uma surpresa. Esse fator é importante pois, na melancolia, a criança se surpreende e se aterroriza com a descoberta da diferença anatômica entre os sexos, configurando um trauma para ela que rompe a barreira de proteção. Ao invés de ocorrer o mecanismo do recalque e a simbolização da perda do objeto de amor, o melancólico regride ao narcisismo se identificando ao objeto perdido. Como esse processo ocorre será desenvolvido no próximo tópico.

2.2 - Luto X Melancolia

Em 1917, Freud se debruçou sobre a melancolia a partir da comparação de dois estados: o luto e a melancolia. Segundo o autor, ambas são uma reação à perda de um objeto amado, seja esse objeto uma pessoa ou algo que é amado como uma pátria, a liberdade, um ideal. Entretanto, a perda de objeto na melancolia se diferencia do luto por ser de um caráter mais ideal. O objeto não morreu de fato, mas perdeu-se como objeto amoroso, como no exemplo de uma noiva abandonada que perde seu amor mesmo ele estando vivo. E, mesmo no caso de coincidir com uma perda de fato, a pessoa sabe quem é o objeto que foi perdido mas não o que foi perdido nele. Portanto, a perda é inconsciente.

A perda então na melancolia é uma perda ao nível da vida pulsional (FREUD, 1895a/1996), que se traduz na perda do desejo de advir, de construir o seu lugar no mundo. Isso porque o melancólico está certo de que perdeu algo e se torna obcecado, por esse motivo, por tentar recuperar o que foi perdido. A questão é que ele não consegue elaborar a perda daquela completude do narcisismo ao se deparar com o fato de não ser o falo de sua mãe, de não ser tudo para ela a partir do Complexo de castração e se recusa a se separar desse objeto. O resultado disso são as falhas interpretativas que ele realiza em relação aos cálculos da realidade por estar anorético psiquicamente e anestésico na articulação dos pensamentos, afinal é preciso muita libido no mundo para conseguir fazer cálculos mais reais. A anestesia aqui se refere a obstrução dos processos psíquicos que são possíveis pelo sexual, é uma paralisia total, um apagão em vias psíquicas que equivale a posição de objeto. Esses cálculos mais reais só são possíveis com o luto que atravessa a perda primordial, sendo o luto um remédio contra a anestesia (OLIVEIRA, 2024).

A forma que o Eu encontra de não admitir perder o objeto é através da identificação, incorporando o objeto. Mas como e por que isso ocorre? Inicialmente há uma ligação da libido com o objeto amoroso, porém, com uma decepção ou com uma ofensa real da pessoa, ocorre um abalo nessa relação. Há então o abandono do investimento objetal e, ao invés da libido se ligar a um novo objeto como no luto, ela retorna ao Eu numa identificação do Eu com o objeto abandonado. Esse método é muito utilizado na perda de um objeto de amor. É um estágio preliminar de escolha de objeto na qual o objeto perdido é incorporado ao Eu aos moldes da fase oral-canibalesca (FREUD, (1917 [1915])). A fase oral é a primeira fase que o bebê perpassa através da alimentação. No ato de chuchar a criança se alimenta, obtém prazer e quase devora a mãe. Isso porque, para a criança, a mãe e ela são um só, numa indiferenciação com o outro.

A incorporação é então um modo de não admitir perder nada, se tornando o objeto e findando com a diferença geracional tão benéfica para o psiquismo. Nesse sentido, a melancolia se opõe à subjetivação humana que proporciona o advir como um sujeito pelos Complexos de Édipo e de castração. Além disso, ela proporciona uma anestesia sexual como consequência da tentativa de inversão geracional (OLIVEIRA, 2024).

A ocorrência desse processo possibilita dizer que houve uma regressão ao narcisismo. Esse é o segundo marco temporal freudiano em que ocorre uma nova ação psíquica: o desenvolvimento do Eu (FREUD, 1914). Através da identificação primária, a criança se vê de acordo com o modo que a mãe a vê (FREUD, 1940) e há uma primeira diferenciação do Eu, porém é precária. A indiferenciação ainda se faz muito presente e essa regressão ao narcisismo é um modo de não perder o objeto primordial, já que nesse marco temporal ainda não ocorreu o Complexo de castração e a criança não tem a noção de que há uma distinção entre ela e a mãe.

A identificação narcísica ao objeto se torna uma substituta do investimento amoroso, resultando na relação amorosa não precisar ser abandonada, apesar do conflito com a pessoa amada. Por isso, pode-se dizer que "a sombra do objeto caiu sobre o Eu" (FREUD, 1917 [1915], p. 181) e, por esse motivo, as recriminações que seriam dirigidas a um objeto amoroso retornam para si próprio, destacando o perigo da inversão geracional. A inversão geracional corresponde à confusão dos lugares na cadeia geracional, que são garantidos pela diferença geracional. Na melancolia ocorre essa confusão entre os respectivos lugares devido a incorporação do objeto, não cabendo desse modo gerações diferentes simultaneamente. O perigo disso é o psiquismo ser empurrado para a devastação, o que confere consequências penosas para o melancólico (OLIVEIRA, 2024).

As consequências penosas da melancolia têm relação com uma característica que é própria dela: a diminuição da autoestima. Mas não é qualquer diminuição, a intensidade é num nível extremo que chega a haver um empobrecimento do Eu. Isso porque, uma parte do Eu é tomada por objeto, enquanto a outra, a consciência moral, a critica o tempo todo exageradamente, xingando, humilhando e maltratando o pobre Eu, o ameaçando com os mais duros castigos (FREUD, 1933). A consciência moral está inserida entre as grandes instituições do Eu, ao lado da censura da consciência e do exame da realidade e há provas de que é possível adoecer a si mesmo por conta de sua ação. No quadro clínico da melancolia, a insatisfação moral com o próprio Eu é um exemplo disso. O melancólico não se atém a defeitos físicos, feiúra, debilidade, inferioridade social, mas ao empobrecimento do próprio

Eu realizado pela sua consciência moral. O vazio que o mundo se torna no luto, na melancolia é o Eu que se torna (FREUD, 1917 [1915]). Portanto:

O doente nos descreve seu Eu como indigno, incapaz e desprezível; recrimina e insulta a si mesmo, espera rejeição e castigo. Degrada-se diante dos outros; tem pena de seus familiares, por serem ligados a alguém tão indigno. Não julga que lhe sucedeu uma mudança, e estende sua autocrítica ao passado; afirma que jamais foi melhor. O quadro desse delírio de pequenez — predominantemente moral — é completado com insônia, recusa de alimentação e uma psicologicamente notável superação do instinto que faz todo vivente se apegar à vida (FREUD, 1917 [1915], p. 176).

Esse quadro de delírio de pequenez é instaurado devido a identificação com o objeto perdido, pois é fácil se recriminar quando na verdade está recriminando o outro. Nos termos de Freud "queixar-se é dar queixa" (FREUD, 1917 [1915], p. 133) já que ele seria o injustiçado, o frustrado e o decepcionado com o outro. O melancólico, sem a elaboração que a dimensão do sexual proporciona, ressentido e indignado profundamente com a falta do Outro, ou seja, com a castração do Outro. E, no lugar da marca do desejo do Outro, o que aparece é a hipossuficiência dele (COELHO DOS SANTOS e OLIVEIRA, 2017). Indiferenciado e sem demarcação dos lugares simbólicos, abre espaço para o delírio de pequenez, além de não possibilitar que se recorra a alguém de outra geração para o seu auxílio. Se torna então um peso muito grande sustentar ser o Outro de si mesmo, o que pode levar até ao suicídio.

As recriminações ao objeto se unem a recriminações verídicas contra si mesmo para assim permanecerem disfarçadas. E, no ato de recriminar-se, não exibem humildade e sujeição que pessoas que se consideram indignas costumam exibir para com aqueles ao seu redor, mas agem como se os outros tivessem feito uma enorme injustiça a eles. A autopunição é uma forma de punir o objeto original sem ter que revelar sua hostilidade diretamente. Através de sua doença, se pune também a pessoa que provocou a afecção, já que geralmente ela faz parte de seu círculo próximo. Isso tudo é possível apenas porque as reações exibidas nesse seu comportamento ainda vêm da constelação psíquica da revolta (FREUD, 1917 [1915]). Revolta essa que é relativa ao trauma da diferença geracional que não foi simbolizado, e que foi transportada para a compunção melancólica.

Portanto, o melancólico não age como alguém movido pelo remorso, se recriminando como se fosse uma crítica normal, na verdade ele carece de vergonha diante dos outros. Ele ao

contrário insiste em comunicar seus defeitos, obtendo satisfação com o desnudamento de si próprio. Isso porque ele perdeu o amor-próprio - autorrespeito - e deve ter tido boas razões para tal fim. Freud então ressalta que “fazendo analogia com o luto, concluímos que ele sofreu uma perda relativa ao objeto; suas declarações indicam uma perda no próprio Eu” (FREUD, 1914, p. 132).

Freud também aborda sobre as recriminações ao se referir à masturbação. Biologicamente, a masturbação conduz a uma excessiva descarga e a um nível baixo de estímulo no órgão efector (FREUD, 1895a/1996). Ela tem relação com uma satisfação autoerótica, já que o próprio indivíduo gera prazer em si mesmo e, no campo do pensamento, diz respeito a uma convicção extrema de seus pensamentos. Psicicamente, a descarga excessiva ocasiona uma perda energética, a qual aparece na certeza de que o objeto perdido é decepcionante e, como o objeto perdido e o Eu estão confundidos, ambos são alvo de recriminações. O melancólico, portanto, se torna incapaz de se servir da diferença geracional, o que é fundamental para o sujeito advir. É a retração para dentro que gera o retorno ao próprio objeto por meio da sucção - incorporação - e como consequência dessa libido sugada há uma implosão numa hemorragia que aparece nas autorrecriminações. Ele é incapaz de sublimar, fornecendo outro destino à pulsão, a mantém ali, acumulada e retorna nas recriminações (OLIVEIRA, 2024).

Essas recriminações ocorrem na melancolia porque são, em alguma medida, prazerosas, devido a satisfação das tendências sádicas e de ódio. O sadismo se refere à prática de violência tendo outra pessoa por objeto e o masoquismo é definido por Freud (1915) em *Os instintos e seus destinos* como um sadismo voltado contra o próprio Eu. Essas tendências sádicas e de ódio tem relação portanto com um sadismo originário, que origina o masoquismo (GARCIA-ROZA, 2009). Isso é possível porque o investimento amoroso do melancólico se dividiu duplamente: uma parte regrediu a identificação e a outra, pela ambivalência afetiva, regrediu ao estágio do sadismo. A ambivalência afetiva - amor e ódio ao mesmo objeto - tem por origem o fato da criança dirigir, no Complexo de Édipo, tanto amor como ódio aos genitores, primeiros objetos de amor (FREUD, 1905). Ela pode portanto ser própria de todo vínculo amoroso desse Eu ou ter surgido das vivências da ameaça da perda do objeto. Além disso, ela é inconsciente. O extremo do sadismo na melancolia é a inclinação ao suicídio. Já que o Eu se encontra identificado ao objeto perdido, ele dirige para si a hostilidade que é dirigida a esse objeto. O Eu é então subjugado pelo objeto e perece se suicidando (FREUD, 1917 [1915]). Podemos dizer que o peso de se tornar o Outro de si mesmo se tornou insuportável.

Freud (1917 [1915]) também realiza uma comparação entre o luto e a melancolia com os seguintes pontos: um doloroso abatimento, perda de interesse pelo mundo exterior, perda da capacidade de eleger um novo objeto de amor e inibição de toda a atividade que lembre o objeto perdido. Eles ocorrem no caso do luto porque há um trabalho que se faz necessário ser realizado, o trabalho do luto. No trabalho do luto, há uma retirada da libido do objeto amado para o superinvestimento das lembranças desse objeto, ao passo que a realidade mostrou que esse objeto não existe mais. A pessoa é lembrada disso repetidas vezes durante esse trabalho, até que o Eu seja convencido disso. De acordo com Freud, ele é convencido "pela soma das satisfações narcísicas em estar vivo, a romper com o objeto eliminado" (p. 189). Após esse processo, o Eu fica novamente livre e disponível para se ligar a outro objeto.

Na melancolia, há a falta deste trabalho, então o abatimento nessa afecção se relaciona com um desânimo, uma depressão ou humor depressivo. Lacan (1962-1963/2005 apud FERRARI e PENA, 2012) abordou a dor de existir em seu estado puro, inspirado pelas práticas de salvação do budismo e alegando que se a dor de existir é uma condição humana, os melancólicos vivem essa dor puramente. Uma dor que se encontra para além do Édipo, ou seja, para além do princípio do prazer e, por esse motivo, não é possível subjetivá-la. Essa dor é reencontrada todos os dias pelo melancólico juntamente com a dor do mundo, resultando num sentimento de que tudo vai realmente muito mal, se caracterizando por um renascimento constante. Lacan (1998b) também ensina que existir não é igual a viver pois "viver supõe o existir recoberto pelo Outro. Existir está na dimensão de ser lançado no mundo com a dor que isso comporta" (apud FERRARI e PENA, 2012, p. 55). Podemos pensar que, quando há a inversão geracional, se tornando o Outro de si mesmo, a pessoa existe e não vive, já que não há um Outro a quem se referir e, portanto, há esse intenso abatimento.

A inibição da atividade e a perda do interesse pelo mundo externo presentes no luto se diferenciam da melancolia por na mesma não ser possível alcançar o que está absorvendo a pessoa claramente. No luto isso é claro, apesar do trabalho interior ser semelhante. A perda da capacidade de eleger um novo objeto de amor na melancolia, é devido a uma forte fixação do Eu no objeto amoroso perdido, não se liberando para outros investimentos objetais. E, há também a inibição de toda a atividade que lembre o objeto perdido, que é o que no trabalho do luto auxilia na assimilação de que o objeto não existe mais (FREUD, 1917 [1915]). Essas características estão relacionadas a ter perdido o objeto amado e também são consequências da inversão geracional presente na melancolia, por causa da indiferenciação com o objeto perdido que promove um afastamento do Outro do desejo e do inconsciente.

Pode ocorrer também uma transformação da melancolia em mania, um estado de sintomas opostos mas que luta com o mesmo "complexo". Nem toda melancolia se transforma em mania. Em muitos casos há o reaparecimento da melancolia periodicamente, com a presença de pouca ou quase nenhuma tonalidade de mania nos intervalos. Em outros há uma regular alternância de fases melancólicas e maníacas, a denominada loucura cíclica. Ocorre que o Eu que estava subjugado pelo objeto, sucumbindo a ele, o vence ou o coloca de lado, mas não se sabe o que está superando. Isso é diferente do exemplo de Freud (1917 [1915]) de um pobre-diabo que não tem dinheiro para a comida do dia mas ganha uma enorme quantidade de dinheiro e entra em júbilo com esse ganho. No caso da mania não se sabe de onde veio essa emoção. Nela está em jogo uma experiência de onipotência, de poder tudo, de que nada vai dar errado e, por esse motivo, não recorre ao Outro, mostrando uma outra face da inversão geracional.

Todavia, pensar que a mania pode ser uma solução de benefícios e sem riscos é um ledor engano. A pessoa se encontra alegre de fato, em oposição a depressão de antes na melancolia, mas também propensa a todo tipo de ação. Isso graças a libido que antes estava detida no objeto, agora está disponível para outros usos e modos de descarga com novos objetos (FREUD, 1917 [1915]). Com todo o montante de contrainvestimento que agora está disponível, a propensão a todo tipo de ação e ao material encontrado na mania ser o mesmo da melancolia, ela se torna igualmente perigosa. Isso porque não se conta com nenhum Outro que possa auxiliá-la, devido a experiência de onipotência.

O ato perigoso então pode ser o suicídio, já que a falta de energia que antes podia impedi-la de cometer o ato, agora não possui mais. A explicação disso é que na mania ocorre a encarnação do pai primevo. Há uma crise de onipotência narcísica, onde a pessoa se desliga do Supereu arcaico e se torna senhora dela mesma, encarnando o pai primevo por identificação. Esse pai primevo é todo gozador, tudo pode e tudo quer (OLIVEIRA, 2023). Tal encarnação mostra novamente o perigo da inversão geracional pois, ao liquidar o objeto e se confundir com ele, consequências terríveis assolam o maníaco.

2.3 - Supereu pós-edípico X Supereu arcaico na melancolia

A consciência moral referida anteriormente que estava ao lado da censura da consciência, do exame da realidade e que pode adoecer a si próprio será denominada

futuramente de Supereu por Freud. O autor realizará uma distinção entre o Supereu pós-edípico que é estruturante e o Supereu que é cultura pura de pulsão de morte, que é arcaico e se destaca na melancolia. Mas então, o que é o Supereu?

Freud na *Conferência 31. A dissecação da personalidade psíquica* enuncia que os loucos “deram as costas à realidade externa, mas justamente por causa disso sabem mais da realidade interna, psíquica, e podem nos revelar coisas que de outro modo nos seriam inacessíveis” (FREUD, 1933, p. 195). Os loucos também revelam que sofrem de delírio de ser observado e queixam-se dessa observação se estender até aos atos íntimos. A observação seria por parte de poderes desconhecidos, de pessoas que pronunciam: “Agora ele vai dizer isso, agora ele se veste para sair” (FREUD, 1933, p. 141) numa alucinação auditiva. Em seguida, Freud questiona se os loucos não teriam razão e se todos nós não teríamos uma instância no Eu que é observadora e punitiva, que teria se separado do Eu e foi deslocada de forma errada para a realidade externa. Isso se confirma. Essa instância separada do Eu é um traço regular da estrutura do Eu, tem a consciência como uma de suas funções e a auto-observação como indispensável pressuposto para a realização de atividade. A observação referida é na verdade apenas um preparativo para o julgamento e a punição.

O papel que o Supereu pós-edípico irá assumir posteriormente é desempenhado externamente e inicialmente pela autoridade parental, caracterizando o Supereu pré-edípico, arcaico. Posteriormente, essa autoridade será internalizada e o Supereu irá tomar o seu lugar dirigindo ameaças ao Eu como os pais antes dirigiam ao (a) filho (a). Isso ocorre por meio da identificação que Freud destaca que é “o assemelhamento de um Eu a outro, em que o primeiro Eu se comporta como o outro em determinados aspectos, imita-o, de certo modo o assimila. É uma forma muito importante de ligação com outro alguém, provavelmente a mais primordial” (FREUD, 1933, p. 200-201). Ele realiza também uma distinção entre identificação e tomar por objeto de escolha.

Com a identificação, o menino quer ser como o pai, modificando seu Eu segundo o modelo do pai e quando o toma por objeto de escolha quer tê-lo e possuí-lo, não havendo necessidade de modificação no seu Eu por se tornarem um objeto só. Entretanto, o Supereu pós-edípico não é somente o resíduo das primeiras escolhas objetais, o pai e a mãe, partindo do pressuposto que nesse momento inicial não há distinção entre identificação e escolha de objeto (FREUD, 1921). A relação do Supereu com o Eu tem também advertências como uma formação reativa. Elas consistem em: “Assim (como o pai) você deve ser” e “Assim (como o pai) você não pode ser” (FREUD, 1923, p. 24), destacando que não se pode tudo que o pai tem direito. Há coisas que são reservadas somente a ele. Para tanto, foi preciso tomar a força

do pai emprestada e assim foi possível conservar o caráter do pai, o que fica nítido pela rapidez da ocorrência do recalque do Complexo de Édipo dependendo do quão forte o foi. E quão mais forte foi o Complexo de Édipo, e mais rápido o recalque ocorreu, mais o Supereu pós-edípico será severo com o seu Eu através da consciência moral e do sentimento de culpa (FREUD, 1923).

O Supereu pós-edípico então assume o poder, a função e os métodos das autoridades parentais, sendo também herdeiro do Complexo de Édipo. Sua instauração significa um caso bem-sucedido de identificação com a instância parental. Essa identificação se repetirá frequentemente na vida da criança, do adolescente e do adulto como substitutos parentais nos educadores, mestres, modelos ideais e até em seus relacionamentos amorosos. A admiração antiga que a criança tinha por seus pais, na qual os considerava perfeitos, propicia ao Supereu pós-edípico ser portador do ideal do Eu. O ideal do Eu permite ao Eu se medir tentando se igualar a ele, buscando uma perfeição cada vez maior (FREUD, 1933). É o ponto de onde que faz o sujeito prosseguir e se humanizar, por considerar a realidade e fazer cálculos nela (OLIVEIRA, 2022). Todo esse processo ressalta a operação da diferença geracional como constitutiva da criança, futuro adolescente e adulto. Anterior a formação do ideal do Eu há o Eu ideal que é o esboço de Eu no marco temporal do narcisismo. A identificação primária como referido, consiste na criança se vê de acordo com o modo que a mãe a vê, como “sua majestade, o bebê”, onipotente (FREUD, 1940) e sem considerar a realidade, mas é o que é possível naquele tempo e que depois será tratado simbolicamente.

Para que isso ocorra é necessário que haja o Complexo de castração incidindo no Complexo de Édipo e, como consequência, há a dissolução desse segundo. Em outras palavras, é essencial que a diferença geracional opere propiciando a demarcação dos lugares simbólicos que cada um ocupa na cadeia geracional para poder articular o Eu ideal com o ideal do Eu. Sobre esse assunto, é importante ressaltar mais um ponto que a investigação psicanalítica ensina. O de que o Supereu é prejudicado na força e no desenvolvimento, quando a superação do Complexo de Édipo não é alcançada completamente (FREUD, 1933).

Freud constatou que o Supereu é influenciado por processos que permaneceram inconscientes para o Eu e que é possível descobrir que são os impulsos recalcados que geram o sentimento de culpa. Isso é explicado pelo Supereu saber mais sobre o Id inconsciente do que sobre o Eu. O autor também conceitua o Id como totalmente amoral, o Eu como quem se esforça em ser moral e o Supereu que pode ser hipermoral e tornar-se cruel consigo mesmo. Observa-se que quanto mais o homem restringe sua agressividade ao exterior mais agressivo se torna consigo mesmo. É o retorno ao próprio Eu como um destino para a pulsão, descrito

por Freud em *Os instintos e seus destinos* (FREUD, 1915), juntamente com o sadismo voltado contra o próprio Eu, mudando de objeto sem alterar a meta. Outro processo primário que Freud também define nesse texto é a reversão ao contrário, que consiste na conversão da atividade em passividade e da inversão do conteúdo. No primeiro caso há uma substituição da meta ativa em passiva como o olhar e ser olhado e no segundo ocorre a transformação de amor em ódio, podendo evidenciar a ambivalência afetiva.

Outro destino possível para a pulsão é a sublimação que é uma dessexualização da libido alterando a sua meta. O Supereu pós-edípico nasceu da identificação com o modelo do pai e toda identificação desse modo tem o caráter de sublimação. Na sublimação ocorre uma disjunção pulsional e a liberação das pulsões de agressão no Supereu, podendo ser um destino para a pulsão de morte. Entretanto, há o risco do Eu se tornar objeto dessas pulsões ou de perecer devido a isso, mesmo que se fortaleça com a libido para se tornar representante da pulsão de vida. Portanto, o Eu sucumbe à agressão do Supereu, perecendo diante de uma instância que deveria lhe auxiliar (FREUD, 1923). O que são então a pulsão de vida e a pulsão de morte?

Na obra freudiana há alterações quanto ao dualismo pulsional. Inicialmente se tratava de pulsão sexual, que não tem objeto fixo e é investida na reprodução da espécie e na fantasia e da pulsão de autoconservação que, por sua vez, tem objeto fixo e é investida na preservação biológica do indivíduo. Depois se altera para pulsão de vida versus pulsão de morte. Freud teoriza a pulsão de morte então no segundo dualismo pulsional. A pulsão de vida ou sexual/Eros (FREUD, 1923) diz respeito a pulsão sexual desinibida, a impulsos pulsionais sublimados e inibidos na meta e a pulsão de autoconservação. Ela busca agregar mais à substância viva dispersa em partículas para tornar a vida mais complexa, conservando-a. Já a pulsão de morte tem o sadismo como o seu representante e quer reconduzir os organismos vivos ao estado inanimado como no exemplo da compulsão à repetição. Ela quer conservar experiências passadas dos impulsos pulsionais infantis que foram prazerosos naquela época e posteriormente não o são mais. A pulsão de morte também se justapõe ao princípio do prazer, o que concede a psique um caráter demoníaco.

Por um lado a compulsão a repetição não contraria o princípio do prazer pois mesmo sendo desprazeroso o que retorna dos impulsos pulsionais recalçados, o que é desprazer em um sistema é prazer em outro. Por outro lado, ela pode retornar com experiências passadas que não geram prazer e nem satisfação em nenhum sistema, como os sonhos das vítimas de neurose traumática (FREUD, 1920). A mescla da pulsão de vida com a pulsão de morte gera um certo equilíbrio. A pulsão de destruição costuma ser colocada a serviço da pulsão de vida

para fins de descarga. Já a disjunção pulsional produz destinos destrutivos, como a morte sendo a destruição por excelência. Nesse caso, há também a presença da ambivalência afetiva que se refere a uma mescla pulsional não consumada, com a presença de amor e ódio coexistindo de forma intensa (FREUD, 1923).

Freud destaca que nos estados graves de neurose há uma proeminência da disjunção pulsional (FREUD, 1923). A melancolia, por sua vez, é classificada por Freud como uma neurose narcísica onde há essa proeminência. Nela, o conflito é entre o Eu e o Supereu (FREUD, 1924). Mas que Supereu é esse? É o Supereu arcaico que opera numa destrutividade e virulência como cultura pura de pulsão de morte (COELHO DOS SANTOS, 2024). Isso porque o componente destrutivo se instalou no Supereu e voltou-se contra o Eu. É o retorno ao próprio Eu, tornando o Supereu cultura pura de pulsão de morte. E, realmente ele pode levar o Eu à morte se ele não se defender a tempo.

Na melancolia a agressividade não é dirigida ao exterior, portanto o Supereu se torna mais agressivo com o Eu e ainda tem a presença da ambivalência afetiva com essa transformação de amor em ódio constantemente, o que intensifica essa destrutividade (FREUD, 1923). O Supereu arcaico não é compatível com o Supereu pós-edípico da adesão ao pacto simbólico por meio da metáfora paterna, ou seja, o Supereu pós-edípico é o da renúncia da posse da mãe que possibilita a entrada na civilização. Na melancolia, houve uma decepção com o pai por ele não ter tido a capacidade de separar o filho da mãe e, como o Supereu corresponde aos pais, o conflito se instala entre o Eu e o Supereu (COELHO DOS SANTOS, 2024).

O que ocorre então é que o melancólico não alcançou a separação do objeto de amor do objeto sexual. O objeto de amor diz respeito ao que resta do florescimento infantil da sexualidade na relação com a mãe e o objeto sexual é uma escolha de objeto posterior, a partir da puberdade. Nele, a obtenção de prazer está a serviço da função reprodutiva, sob o primado da zona genital, com o objetivo de alcançar a meta sexual com o objeto sexual (FREUD, 1905). Inicialmente a mãe é objeto de amor e objeto sexual, o que precisa ser separado depois.

Na melancolia não há essa separação, então o melancólico coloca esse objeto no lugar do ideal do Eu. O que aparece como que deslocado para fora e, desse modo, a perda se torna difícil de simbolizar. Falta no seu Eu a diferenciação entre o Eu ideal e o ideal do Eu por isso se desloca para fora, para o Outro, podendo ser um máximo ou um lixo, pois nesse tempo primitivo a ambivalência afetiva vigora. Na neurose a perda do objeto mantém a conexão com o objeto na fantasia, já na melancolia a perda do objeto ocasiona o retorno da libido para o Eu. Sem a conservação do objeto inconsciente, perde-se a alteridade do objeto e o Eu e o objeto se

tornam um só nessa identificação (COELHO DOS SANTOS, 2024), como uma tentativa de finalizar com a diferença geracional, invertendo-a.

A identificação que ocorre na melancolia então é como objeto dejetivo. Há uma decepção com o pai e com a mãe. A mãe é vista com um poder hiperdestrutivo e caprichoso, o que abala narcisicamente esse lugar ideal que o Outro ocupava e leva à dissolução desse imaginário. Isso ocasiona a identificação com o objeto abandonado pelo Outro, o objeto a, e não a identificação com o pai da metáfora paterna, que abre caminhos para o sujeito advir com o ingresso na cultura (COELHO DOS SANTOS e OLIVEIRA, 2017). A voz dos pais portanto não foi tratada simbolicamente, por isso retorna de forma tirânica (OLIVEIRA, 2023) e onde não há simbolização não há falta do Supereu mas sim excesso dele, arcaicamente (COELHO DOS SANTOS, 2024).

Com a identificação, esse excesso de Supereu se dirige diretamente ao Eu. O que faz com que os imperativos superegícos sejam vorazes como a pulsão oral que aniquila o Outro e, por consequência, o Eu ou como as pulsões anais com o sadismo, causando sofrimento ao Outro e obtendo satisfação com isso. A severidade do Supereu arcaico é demonstrada pelo desgosto melancólico com o Outro que não foi capaz de proporcionar tudo. Se o Outro não é capaz, o Eu também não o é por conta da identificação e por isso objeto dejetivo (COELHO DOS SANTOS e OLIVEIRA, 2022).

A partir disso não é difícil encontrar a explicação para o sentimento de culpa, que é a percepção no Eu que corresponde a crítica (FREUD, 1923) e é tão presente na melancolia. Ele se baseia na tensão entre o Eu e o ideal do Eu (Supereu), que se torna perceptível pela condenação do Eu por sua instância crítica, exibindo uma severidade especial (FREUD, 1923). Externamente, é possível observá-lo nas autorrecriminações que não cessam no desnudamento de si frente ao Outro, como a compulsão à repetição.

Esses são os prejuízos da inversão geracional na melancolia. O Supereu pós-edípico é o parceiro da pulsão e o Supereu é o Outro. Sem o tratamento simbólico que promove a distinção entre o Eu e o Outro e um tratamento para os afetos ambivalentes, se inverte as gerações através da incorporação do Outro. O Supereu permanece então arcaico e como uma reunião das pulsões de morte, sendo destrutivo e virulento com o Eu.

Após alguns meses, o alvoroço moral desaparece e a crítica do Supereu se silencia até o próximo surto. Há casos que para essa crítica silenciar ocorre a transformação da melancolia em mania, mas nela também se faz presente a inversão geracional. Freud enuncia que nesse estado “o Eu se acha num estado de venturosa embriaguez, triunfante, como se o Super-eu tivesse perdido toda a força ou se fundido com o Eu, e este Eu liberado, maníaco permite-se

realmente a franca satisfação de todos os seus apetites” (FREUD, 1933, p. 143). O Eu se convence de ser seu próprio ideal e acredita ter autonomia plena (FREUD, 1921) findando e invertendo a geração de uma só forma. O problema é que não tem como ser seu próprio ideal e possuir plena autonomia. Como consequência, o sujeito se coloca em risco e até mesmo risco de vida, devido a toda libido que se encontra disponível para uso não ser utilizada de forma vital. Freud (1917 [1915]) evidencia isso ao explicar que a libido que antes estava detida no objeto agora está disponível para outros usos e modos de descarga, devido a superação do Eu perante o objeto. Desse modo, todo o montante de contrainvestimento que antes estava detido no doloroso sofrimento melancólico se torna disponível e o maníaco se lança como um faminto buscando novos investimentos objetivos.

CAPÍTULO 3

A inversão geracional no suicídio

3.1 - Estados melancoliformes e traços maníacos na contemporaneidade

Como visto, para Freud a melancolia era classificada como uma neurose narcísica. Posteriormente Lacan, numa releitura freudiana, formalizou as denominadas estruturas clínicas a partir da dissimetria estrutural entre neurose, psicose e perversão (COELHO DOS SANTOS e OLIVEIRA, 2012). A melancolia é um tipo clínico da psicose (FERRARI e PENA, 2012) e seus fenômenos elementares são constituintes. Fenômenos elementares são fenômenos psicóticos que podem anteceder o delírio e o desencadeamento psicótico, podendo não estar presente atualmente no paciente mas ter aparecido no seu passado e até uma vez só na lembrança do paciente (MILLER, 1997). Na melancolia os fenômenos elementares são: dor moral, distúrbios cinestésicos e intelectivos com o delírio podendo suceder secundariamente, bem como distúrbios do corpo e do pensamento que estão na origem da dor moral e ocasiona o afastamento do mundo (QUINET, 1997 apud FERRARI e PENA, 2012).

Já na contemporaneidade, tem-se observado a aparição de estados melancoliformes. Eles não correspondem à melancolia estruturalmente falando pois se fazem presentes nas neuroses, mas dizem respeito a traços melancólicos na estrutura neurótica (COELHO DOS SANTOS e OLIVEIRA, 2022). Esses traços são os sentimentos de decepção e desilusão com o Outro que não foi capaz de ter tudo e de fornecer tudo. Então, eles se sentem injustiçados e frustrados por todos os seus Outros e recrimina-os como se tivessem cometido uma grande injustiça (OLIVEIRA, 2024). Esses sentimentos retornam para si e se manifestam nas autorrecriminações e autoflagelações (COELHO DOS SANTOS e OLIVEIRA, 2022). Com isso, é possível evidenciar que a inversão geracional pode habitar tanto um psicótico como um neurótico, mas de forma diferenciada nesse segundo caso. O neurótico consegue simbolizar algo da diferença geracional, mas nem sempre é o suficiente, além de, pelo estado melancoliforme, ocorrer uma certa deformação do Eu com consequências penosas, como referido anteriormente (OLIVEIRA, 2024).

Freud em 1886/1996, no *Rascunho K. As neuroses de defesa*, já explicitava sobre uma melancolia transitória que poderia atingir o Eu. Consideremos que essa melancolia transitória pode ser equiparada ao estado melancoliforme que se observa na contemporaneidade (OLIVEIRA, 2024). Ela é, segundo Freud, efeito no Eu de uma obsessão que não cessa, gerando uma deformação no Eu (FREUD, 1886/1996). O que ocorre é uma acumulação das

defesas, que tentam se defender das obsessões com outras obsessões e, como consequência, há um inflacionamento do Eu que é melancoliforme. É melancoliforme devido ao Eu perder muitas de suas competências. Então, a obsessão aparece como uma compulsão, um ponto de rigidez por haver dificuldade em dialetizar. Podemos considerar o impulso à inversão geracional como um exemplo de deformação no Eu que não há dialetização, pois não se serve do Outro da geração anterior. Verifica-se então que na melancolia o Eu é remodelado completamente (OLIVEIRA, 2024).

Também no *Rascunho G. Melancolia* (1895a/1996), é possível realizar uma equiparação ao estado melancoliforme. Nele, Freud faz referência a anestesia como uma pré-disposição a melancolia ou até mesmo como a causa dela. O que mostra que a melancolia pode ser desenvolvida em certos momentos da vida e em uma neurose. Nas palavras de Freud: “Em pessoas desse tipo, toda neurose assume facilmente um cunho melancólico” (p. 154). Como visto, o luto é um remédio contra a anestesia, mas para isso é necessário se servir da diferença geracional que aponta para além da perda. A partir da dissolução do Complexo de Édipo, o sujeito precisa advir para não permanecer na posição de objeto, como na melancolia estruturalmente falando (OLIVEIRA, 2024).

Já na aparição dos estados melancoliformes na contemporaneidade, ocorre uma crise em relação à diferença geracional, devido a extrema importância de se servir do Outro. O sexual se relaciona ao encontro com o mundo por meio da ação do Outro sobre nós eroticamente e não pedagogicamente (OLIVEIRA, 2024). A ação do Outro sobre nós, como desenvolvido anteriormente, ocorre desde o início da vida nos marcos temporais denominados de autoerotismo, narcisismo, Complexos de Édipo e de castração. E, com a dissolução do complexo de Édipo, o Outro permanece auxiliando através do Supereu pós-edípico, que é o herdeiro do Complexo de Édipo. A crise em relação à diferença geracional no estado melancoliforme remete-se portanto a uma insuficiência com a identificação pós-edípica, ou seja, com o Supereu e o Supereu corresponde a diferença geracional (OLIVEIRA, 2024).

Então o que pode ocorrer quando a identificação pós-edípica não é suficiente? Os estados melancoliformes na contemporaneidade podem fornecer uma resposta. Neles, sucede uma deformação no Eu que pode aparecer através da sobreidentificação. É como uma insígnia identitária que se manifesta no estilo de vida que o sujeito assume. Utilizaremos a anorexia para explicar o mecanismo da sobreidentificação. Desta maneira, na anorexia, quando se trata de um sujeito neurótico, pode haver a sobreidentificação com a patologia. O anoréxico que se sobreidentifica passa a não fornecer dimensão patológica para nenhum de seus sintomas já que eles fazem parte do seu estilo de vida. E, ao invés de se servir de seus Outros, o que a

identificação pós-edípica propicia, o Outro é visto como opressor e insensível por patologizar a anorexia, o que prejudica o laço com a diferença geracional. Ele é sentido como uma escravidão que se precisa escapar (OLIVEIRA, 2021).

O prejuízo no laço com o Outro possui consequências penosas para o anoréxico. Ele realiza a compulsão à repetição do nada comer pela sobreidentificação a anorexia ao invés de simbolizar o necessário para barrar essa repetição. Com a não simbolização do anoréxico, a repetição permanece, o que se torna problemático pelo agravamento do seu caso, podendo acarretar o suicídio. Isso porque ele não está se servindo dos seus Outros como os médicos, familiares e nem do que está acontecendo com o seu próprio corpo, o que evidencia o impulso à inversão geracional manifestada na sobreidentificação como um ponto de rigidez.

Assim como se observa na contemporaneidade os estados melancólicos nas neuroses, se observa traços maníacos em estruturas neuróticas. O mecanismo da anorexia também pode servir de exemplo para essa explicação dos traços maníacos. Podemos considerar a presença desses traços na compulsão à repetição do nada comer (OLIVEIRA, 2024) como uma tentativa do Eu de fugir da frustração sobreinvestindo o próprio Eu ao invés de buscar por um novo objeto (FREUD, 1915/1996). É uma tentativa de escapar do sofrimento melancólico sem fazer uso da diferença geracional, por isso, fracassa. Essa manifestação de traços maníacos na compulsão alimentar acarreta muitos problemas para o sujeito.

No capítulo anterior foi visto que na mania o Eu coincide com o seu ideal (FREUD, 1921). Oliveira e Malta (2024) apontam que esse estreitamento entre o Eu e o ideal do Eu além de empurrar para a euforia maníaca também debilita o aparelho psíquico pois “escamoteia-se a impossibilidade de o sujeito se tornar o que representa o ideal – via de regra, mais bem encarnado em uma figura de uma referência anterior, inscrita temporalmente em outra geração.” (p. 6). Dito de outro modo, o sujeito não consegue se servir da diferença geracional e passa a prescindir dela, invertendo assim as gerações, o que foi verificado que empurra o sujeito ao pior. Mas que pior seria esse? A passagem ao ato mais efetiva, o suicídio. Considerando que as identificações pós-edípicas não foram suficientes e por isso ocorreu a sobreidentificação, podemos referir que há casos em que nem a sobreidentificação e os traços maníacos subsequentes podem sustentar o sujeito. Eles que até então estavam funcionando como uma última defesa para se evitar o pior também fracassam e, desse modo, o sujeito fragilizado pode cometer o suicídio. Trabalharemos mais sobre a passagem ao ato do suicídio no tópico a seguir.

3.2- Acting out X Passagem ao ato

Foi ressaltado previamente a importância da identificação pós-edípica e as consequências de quando há uma falha nesse processo como na melancolia. Também foi visto como as sobreidentificações e os traços maníacos na contemporaneidade aparecem como uma última defesa para evitar o pior. O pior como a passagem ao ato do suicídio. Ele é a maior passagem ao ato existente e a que é bem-sucedida (LACAN, 1963) pois, desse modo, o sujeito sai da cena plenamente e inverte as gerações ao se matar. É a passagem ao ato como um impulso à inversão geracional. Mas afinal, o que é passagem ao ato?

Para definir passagem ao ato é necessário antes distingui-la de uma outra ação, o acting out. Em *Recordar, repetir e elaborar* Freud (1914) afirma que há casos de neurose em que o analisando não recorda totalmente o que esqueceu e recalcou por meio da lembrança. Ao invés disso, ele o atua - acting out -, repetindo sem saber que o está fazendo. O autor exemplifica com a teimosia que comparece com o analista sem que o analisando lembre de ter sido teimoso com seus pais. Ou quando mostra vergonha do tratamento, procurando esconder de todos, sem lembrar que se envergonhou altamente de certas atividades sexuais na infância e temia que fossem descobertas. Esses exemplos dizem respeito a atuação se fazendo presente na transferência para com o analista, numa compulsão à repetição como referido no capítulo anterior.

A transferência então é só uma parcela da repetição. A repetição se refere ao passado esquecido que aparece não só com o analista mas também nas outras relações que a pessoa possui e nas atividades contemporâneas da vida do sujeito. Essa aparição da repetição em outras esferas da vida pode ser danosa para o paciente temporariamente ou até mesmo afetar permanentemente a sua saúde a ser conquistada, por não ter tido a interpretação do analista, a qual pode interferir na repetição. Freud também aponta que a compulsão à repetição é o modo desse analisando recordar (FREUD, 1914). Pode-se dizer então que o acting out é um ato dirigido ao Outro e, quando se está em análise, o ato é dirigido ao analista (LACAN, 1963). Portanto, há uma demanda ao Outro na cena que o sujeito produz (CASTRO et al, 2022).

Em seguida, Freud (1914) faz alusão a resistência e a sua relação com a repetição. Quanto maior for a resistência, mais o recordar será substituído pela repetição na atuação/acting out. Isso pode ocorrer quando a transferência se torna hostil ou muito intensa necessitando do recalque, nesse momento o recordar é substituído pela atuação. Entretanto, o que se está repetindo? Está se repetindo o que do recalco “já se impôs em seu ser

manifesto” (p. 151) como as suas inibições e atitudes inviáveis, seus traços patológicos de caráter, os seus sintomas, etc. E o analisando repete tudo como real e atual.

Portanto, o analista se situa numa luta contínua com o paciente para manter no psíquico aquilo que se quer dirigir ao âmbito motor. Isso através da solução que o analista consegue fornecer a algo que se gostaria de descarregar por uma ação, por meio da recordação. É possível que o tratamento impeça a repetição quando se pode aproveitar a ligação da transferência, pois a interpretação do analista auxilia na elaboração do paciente e a elaboração barra a compulsão à repetição. A interpretação se refere a nomear a resistência, mas essa nomeação não é o suficiente para cessar a repetição. É preciso tempo para que o paciente elabore a resistência que veio a conhecer para assim superá-la, não a repetindo mais. Portanto, se não houver elaboração, continua se repetindo numa compulsão (FREUD, 1914). Sobre esse momento da elaboração, Freud destaca que:

Na prática, essa elaboração das resistências pode se tornar uma tarefa penosa para o analisando e uma prova de paciência para o médico. Mas é a parte do trabalho que tem o maior efeito modificador sobre o paciente (FREUD, 1914, p. 155).

Com isso, o autor ressalta a importância da elaboração após recordar o que foi recalado e da interpretação do analista. Desse modo, é possível barrar a compulsão à repetição que é tão prejudicial para o analisando.

Já para definir passagem ao ato será utilizado um caso que Freud atendeu de uma tentativa de suicídio. Trata-se do caso de uma garota de dezoito anos publicado em *Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina* que, segundo Freud (1920), é bela, inteligente e pertence a uma família de elevada posição social. A garota provoca desgosto e inquietação aos pais por sua relação com uma dama considerada de má reputação, que tem relação tanto com homens quanto com mulheres. Freud evidencia que “ela vive com uma amiga casada, com a qual tem relações íntimas, ao mesmo tempo cultivando frouxos laços amorosos com certo número de homens” (p. 102) e que “vivia simplesmente de entregar o próprio corpo” (p. 118). Ela é 10 anos mais velha que a garota. A jovem não discute essa má reputação da dama, mas também não deixa que ela interfira em sua adoração por ela.

Antes de adentrar na tentativa de suicídio propriamente é importante explicitar sobre seus pais e seu desenvolvimento para melhor compreensão do ato. O pai era um homem sério, respeitável, rigoroso e bastante afetuoso apesar de não demonstrar para com os seus filhos. O

comportamento dele com a única filha era muito influenciado pelas considerações da esposa, a mãe da garota (FREUD, 1920), o que tornou essa figura parental passível de desqualificação, por não ser operador da diferença geracional (OLIVEIRA, 2024). Quando o pai soube das inclinações homossexuais da filha, ficou enfurecido, reprimindo-a com ameaças (FREUD, 1920).

Já a mãe não tinha uma atitude tão transparente. Ela possuía a aparência de uma mulher jovem e gostava de agradar os homens com a sua beleza. A mãe foi neurótica por vários anos, tinha um marido bem solícito para com ela e tratava os filhos desigualmente. De acordo com Freud, “era realmente dura com a filha e afetuosa em demasia com os três meninos, dos quais o mais jovem era temporão, não tinha três anos de idade” (FREUD, 1920, p. 105). Para ela, a relação de sua filha com a dama não era tão trágica desde que não expusesse tão claramente os sentimentos por ela. Até admirava a confiança da filha no amor pela dama. Ao falar da mãe para Freud a garota tinha certa reserva. O motivo dessa reserva foi constatado depois. A filha era para a mãe como uma concorrente importuna, uma rival, por isso a mãe favorecia os filhos homens em detrimento da filha. Além disso, a mantinha afastada do pai o máximo que podia. Portanto, a garota não tinha muitos motivos para ter ternura pela mãe, necessitando de uma mãe que fosse mais amorosa (FREUD, 1920).

Em relação ao seu desenvolvimento (FREUD, 1920) foi constatado que na infância a menina passou pelo Complexo de Édipo feminino sem eventos notáveis e substituiu o pai pelo irmão um pouco mais velho. Ela não se recordava de traumas sexuais na primeira infância e não foram revelados na análise. A diferença anatômica entre os sexos se fez presente no começo do período de latência, com cinco anos, numa comparação com os genitais do irmão e Freud salienta que “deixou-lhe uma forte impressão e teria efeitos duradouros” (p. 111). Tinha poucos índices de masturbação e o nascimento de um irmão quando ela tinha cinco anos não influenciou em seu desenvolvimento.

No período escolar, durante a pré-puberdade, ela foi se informando dos fatos da vida sexual, e recebeu-os com um misto de grande prazer e temerosa rejeição, o que foi normal e sem exageros. Já na puberdade, por volta de seus dezesseis anos, a sua transformação psíquica e corporal coincidiu com um evento na família que a atingiu de forma intensa: a gravidez da mãe e o nascimento de seu terceiro irmão. A garota estava na fase de revivescência e queria ter um filho homem de seu pai, mas quem teve o filho foi a mãe, sua rival que ela odiava no inconsciente. Entra em voga a ambivalência afetiva. Revoltada e amargurada não quer mais saber de seu pai. Sua libido que antes estava voltada para a maternidade se voltou para mulheres mais maduras e permaneceu desse modo. Isso não quer dizer que toda garota que

anseia pelo amor na puberdade e passe por uma decepção dessa será homossexual, essa é só uma possível resposta dentre várias outras. Além disso, nessa garota devem ter pesado fatores exteriores ao trauma, de natureza interna, até porque a inclinação às mulheres não apareceu somente nesse contexto mas também por outras figuras femininas anteriores de sua vida, as quais o pai já suspeitava e recriminava (FREUD, 1920).

Durante a análise foi possível ver que a dama era um substituto para a mãe e as características da dama de ser esbelta, ter uma beleza austera e uma natureza rude lembravam o irmão mais velho da garota. O objeto escolhido então compreendia seu ideal de mulher e seu ideal de homem. Como a relação da garota com a mãe sempre foi ambivalente, isso favoreceu a reanimar o antigo amor por ela e recompensar com a hostilidade que dirigia a mesma. Já que com a mãe real não havia o que fazer, buscou um sucedâneo da mãe que pudesse se ligar apaixonadamente. Neste ato, ela retirou o desfavor da mãe, deixando os homens de lado para ela e presentes para a mãe (FREUD, 1920).

Para abordar a tentativa de suicídio propriamente é importante sublinhar que muitas análises se dividem em duas fases. A primeira consiste no conhecimento do paciente por parte do médico, na familiarização sobre o processo de análise e na investigação do início de seu sofrimento (FREUD, 1920). Na segunda há a elaboração se apropriando do material que teve conhecimento, a recordação do foi recalçado e a repetição do que não se recordou. Em *Recordar, repetir e elaborar* a ordem estabelecida é de que se repete aquilo que não foi recordado. A recordação não é efetiva para barrar a repetição, sendo necessário elaborar para não repetir (FREUD, 1914). Freud destaca que a análise da jovem não prosseguiu além do começo da segunda fase (FREUD, 1920). Ou seja, ela permaneceu repetindo, o que justifica a tentativa de suicídio que Freud narra do seguinte modo:

Certo dia, ela foi passear com esta num determinado local, numa hora em que era possível encontrar o pai, que saía do escritório. Ele passou de fato por elas, e lançou um olhar raivoso à filha e à acompanhante, que ele já conhecia. Pouco depois ela jogou-se no fosso da linha de trem. Parece plausível o que ela afirmou sobre a causa imediata de sua decisão. Confessou à dama que o senhor que olhara de modo irritado para elas era seu pai, que proibira absolutamente a relação das duas. A dama então se encolerizou, mandou que a deixasse imediatamente e que nunca mais aguardasse por ela ou a abordasse; essa história tinha de acabar naquele momento. No desespero de haver perdido a amada para sempre, ela buscou a morte (FREUD, 1920, p. 118-119).

Essa tentativa de suicídio teve como consequência a melhora da posição da garota em relação aos pais e também em relação à dama. A interpretação freudiana considerou esse ato da garota como sincero e destacou que a tentativa de suicídio significava duas outras coisas: uma autopunição e a realização de um desejo. A autopunição tem relação com os desejos de morte que ela possuía e, a Psicanálise explica que é possível se matar quando se quer matar o outro objeto com que se identificou. Nesse caso, o pai por vingança, porque impedia o seu amor e a mãe, mais provavelmente, quando ela estava grávida do irmão menor e por não ter morrido no parto. Nesse ato então ela se vinga do pai e da mãe.

A realização de um desejo diz respeito à decepção de não ter um filho do pai, ou seja, ela caiu por culpa dele. Desse modo, o cumprimento de uma autopunição torna-se cumprimento de um desejo. Lacan (1963) destaca que a aventura com a dama de reputação duvidosa passeando perto do trabalho do pai foi um acting out. Freud (1920) outrora apontava que para a garota o pai tinha de saber ocasionalmente dos seus encontros com aquela dama pois de outro modo ela não teria a satisfação da vingança, que era o que ela mais queria. E, quanto mais a jovem via que desagradava ao pai, mais reforçava essa postura. Já a tentativa de suicídio da garota para Lacan (1963) foi uma passagem ao ato.

A passagem ao ato é definida como uma saída de cena por parte do sujeito. Nela não há um apelo a quem o decifre, o acolha, repudie ou qualquer outra forma de receber a demanda (CASTRO et al, 2022). No caso da jovem, o que a faz sair de cena? No instante em que a jovem enuncia que aquele é seu pai, a dama tem uma reação. Nessa reação ela age exatamente como o pai, enunciando a mesma proibição. O pai possui então papel principal na motivação da tentativa de suicídio (FREUD, 1920). Com o filho que o pai lhe recusou a dar mas forneceu à sua mãe, a jovem encontrou o meio de manter o seu desejo na relação com a dama, demonstrando ao pai como se pode amar nada. Esse nada diz respeito ao pênis-simbólico - o falo - que a dama não tem, só o pai (LACAN, 1957). Entretanto, quando a dama a rejeita, ela não consegue mais sustentar essa solução. A rejeição da dama representa que o objeto está definitivamente perdido. O objeto é o falo que o pai deveria ter lhe dado. O bebê é um objeto fálico. Então ela mesma se faz da criança que não teve e se destrói num último ato significativo do objeto (LACAN, 1957). Freud (1933), na Conferência 33. *A feminilidade* efetuou a relação entre o bebê e o pênis-simbólico que ele representa. O autor conjectura:

O desejo com que a menina se volta para o pai é provavelmente, na origem, o desejo pelo pênis que a mãe não lhe deu e que ela espera receber do pai. Mas a situação feminina se estabelece apenas quando o desejo pela criança substitui o desejo pelo pênis, ou seja, quando a criança, conforme uma velha equivalência simbólica, toma o lugar do pênis (FREUD, 1933, p. 284).

A partir desse contexto é possível destacar que a jovem não consegue conceituar nem a mãe e nem o pai como alguém de outra geração a quem se referenciar, que teria algo a transmitir. A mãe, pois como dito, rivalizava com a garota e preferia os filhos a ela, não sendo uma mãe amorosa com a filha. O pai por agir com a filha de acordo com as considerações da mãe e não ter lhe dado o filho, a saber, o falo. A relação dela com o pai é de profunda decepção que ratifica a falta amorosa. Portanto, é um apelo edípico idealizado que vai para o lixo. Com a dama agindo igual ao pai é notório que a solução que ela alcançou não se sustentou, o que gerou a passagem ao ato da tentativa de suicídio. Pode-se dizer então que ela não possuía esperança na diferença geracional, por conta da desqualificação das figuras parentais que assim se faziam. Sem um Outro a quem se referenciar a tentativa de suicídio representou afinal um impulso a inversão geracional pois, se matando finda com a diferença geracional, invertendo-a. Não houve então um endereçamento ao Outro e sim um “largar de mão” (LACAN, 1963, p. 129), no caso do pai e da mãe. Isso se difere do *acting out* por possuir um Outro a quem se endereçar (OLIVEIRA, 2024).

3.3 - Observações sobre o suicídio

Em *Contribuições para uma discussão acerca do suicídio*, Freud (1910) inicia enunciando que as escolas impelem seus alunos ao suicídio, tanto as escolas secundárias tanto em aprendizes e outros. Isso se deve a escola tomar o lugar de traumas que os adolescentes se defrontam em outras condições de vida. Ele também ressalta que a escola deve ser capaz de não só não impelir seus alunos ao suicídio como deve garantir o desejo de viver, o apoio e o amparo num momento em que o adolescente está afrouxando seus vínculos com os seus pais. A escola não deve esquecer que está lidando com jovens imaturos e precisa respeitar o tempo de desenvolvimento de cada um. A escola é um substituto parental representando a atuação da diferença geracional nos alunos. A operação da diferença geracional é necessária para a manutenção da vida como dito por Freud nesse texto e como é notório no caso freudiano

descrito no tópico anterior. Se a diferença geracional não proporciona essa ancoragem pode ocasionar o suicídio.

Na contemporaneidade, o suicídio tem-se feito presente de forma elevada. No guia intitulado *Prevenção ao suicídio Um recurso para conselheiros* (OMS, 2006) é exposto que um maior número de pessoas morrem por cometer suicídio no mundo todo mais do que as mortes em todos os conflitos combinados. Estima-se que aproximadamente um milhão de pessoas tenham cometido suicídio em 2000, o que coloca o suicídio entre as dez causas de morte mais frequentes em muitos países do mundo. Dez à vinte milhões de pessoas tentaram suicídio e apesar desses dados alarmantes, presume-se que os números reais são ainda mais elevados. Vale ressaltar que tentativas anteriores de suicídio aumentam o risco para que o ato ocorra de fato futuramente.

No manual intitulado *Prevenção do Suicídio manual dirigido a profissionais das equipes de saúde mental* (CAIS e STEFANELLO, 2006), destaca-se que, entre os 15 e 35 anos, o suicídio está em as três maiores causas de morte, pois nos últimos 45 anos, a mortalidade global por suicídio vem migrando percentualmente do grupo dos mais idosos para os indivíduos mais jovens (15 à 45 anos). O que não descarta que muitos idosos continuam a cometer suicídio devido a depressão associada aos medicamentos disponíveis tornar esse o meio mais utilizado para essa faixa etária concretizar tal ato. Entre crianças e adolescentes as motivações são complexas como: humor depressivo, problemas emocionais, comportamentais e sociais e abuso de substâncias. Os suicídios consumados de jovens estão associados a taxas mais elevadas de perturbações psiquiátricas na família, menor apoio familiar, ideação ou comportamento suicida anterior, problemas disciplinares ou legais e armas de fogo prontas a disparar em casa. Há também o fenômeno do suicídio em grupos. E, entre adolescentes de 16 anos ou mais, o álcool e o abuso de substâncias.

Deve-se considerar também fatores de risco para o suicídio como os transtornos mentais, a esquizofrenia com 10 à 15% dos indivíduos cometendo suicídio (OMS, 2006), a depressão, a dependência e o uso nocivo de álcool e os transtornos de personalidade (CAIS e STEFANELLO, 2006). Para cada suicídio há, em média, 5 ou 6 pessoas próximas ao falecido que sofrem consequências emocionais, sociais e econômicas (OMS, 2006).

Esses dados mostram a relevância das pesquisas sobre o tema do suicídio com a chave da inversão geracional a luz do diagnóstico diferencial em Psicanálise. Como visto, Freud já teorizava sobre o suicídio ao escrever sobre a melancolia e como é possível, por identificação ao objeto perdido, se matar quando se quer assassinar outra pessoa. Isso ocorre pelo melancólico não se servir da diferença geracional e de seus benefícios advindos dos

Complexos de Édipo e de castração. Ao contrário, inverte as gerações incorporando o objeto, o que torna mais propício o suicídio. O sofrimento melancólico é tão elevado que se torna difícil de suportar.

A saída maníaca é uma tentativa, ainda que fracassada, de tentar evitar o suicídio, se retirando do intenso sofrimento melancólico. Porém, muitos se suicidam na mania pelo material interno ser o mesmo, por agora possuir a energia que antes não havia e pela sensação de onipotência que demonstra a inversão geracional. Os estados melancoliformes nas neuroses presentes na contemporaneidade, são mais uma tentativa de evitar o suicídio. Já que a identificação pós-edípica não está sendo suficiente pode ocorrer a sobreidentificação a uma insígnia identitária, como a anorexia, para não cometer tal ato. Essa incapacidade de se servir da identificação pós-edípica revela também uma tentativa de inversão geracional. Os traços maníacos revelam uma compulsão à repetição que reforçam essa identificação, no não comer. Entretanto, e quando até mesmo essa defesa fracassa? A passagem ao ato do suicídio pode não ser mais passível de evitação.

No caso freudiano *Sobre a psicogênese homossexualidade feminina* (1920) isso se torna mais nítido com as identificações pós-edípicas, ao pai e a mãe, falhando. Ela buscou uma outra forma de ancoragem através da relação com a dama, mas quando até ela falhou, a jovem não conseguiu elaborar e executou a tentativa de suicídio como um impulso a inversão geracional. Com isso, vemos a importância de se continuar as pesquisas com a chave da inversão geracional para assim obtermos mais ferramentas que auxiliem na clínica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa monografia propôs apresentar as consequências psíquicas da inversão geracional e sua importância para o diagnóstico diferencial. Constatou-se a importância da diferença geracional desde o início da vida, devido ao inacabamento biológico. Psicologicamente também há essa necessidade, já que o sujeito ainda não adveio, demonstrando a necessidade da operação da diferença geracional também nesse processo. A diferença geracional também atua nos Complexos de Édipo e de castração, os quais são estruturantes. Posteriormente, expôs as consequências psíquicas da inversão geracional incentivada pelos pais em seus filhos.

Ademais, verificou-se que a melancolia, estruturalmente falando, é uma resposta com a inversão geracional, pois a partir da incorporação do objeto, as gerações se invertem. As implicações disso são penosas para o melancólico como as autorrecriações, o intenso abatimento, a perda de interesse pelo mundo exterior, a perda da capacidade de eleger um novo objeto de amor e a inibição de toda a atividade que lembre o objeto perdido. A alternativa que propicia ao sujeito sair desse estado, a mania, também fracassa e promove consequências terríveis para o melancólico, por acreditar ser onipotente e não servir, por conta disso, da diferença geracional.

Essa resposta com a inversão geracional se entende para os estados melancoliformes e nos traços maníacos presentes na contemporaneidade. Foi visto que eles operam como uma última defesa para evitar o pior, que é o suicídio. Quando não há uma elaboração do que se está repetindo e quando não há um direcionamento do ato ao Outro o perigo se instala, que é o que ocorre no suicídio. A passagem ao ato do suicídio então é um impulso a inversão geracional pois, ao se matar, finda com a diferença geracional, invertendo-a.

Foi evidenciado, desse modo, que a chave da inversão geracional é valiosa para aprofundar nos estudos da melancolia estrutural, dos estados melancoliformes e traços maníacos presentes na contemporaneidade, como também da passagem ao ato do suicídio. Esse trabalho não pretende se esgotar aqui, muito menos compreender toda a complexidade do tema. É necessário pesquisar mais, utilizando autores relevantes que incansavelmente acrescentam com a experiência clínica. Pretendo continuar estudando sobre esse tema no âmbito da pós-graduação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CAIS, C. F. S.; STEFANELLO, S. (2006). **Prevenção do suicídio: Manual dirigido a profissionais das equipes de saúde mental**. 2006, p.7-69.

CASTRO et al. (2022). **Escuta do Sofrimento Mental Estudantil: Relato de Experiência do Atendimento Psicológico aos Estudantes da UFRJ**. *Estud. pesquis. psicol.*, Rio de Janeiro, v. 22, n.01,2022, p. 380-396.

CHECCHINATO, D. (1936). **Psicanálise de pais: criança, sintomas dos pais**. Rio de Janeiro: Cia Freud, 2007.

COELHO DOS SANTOS, T.; OLIVEIRA, F. L.G. **As patologias narcísicas e os estados depressivos na pós-modernidade**. *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 54.1, p. 6-30, 2022. Disponível em: <https://acrobat.adobe.com/id/urn:aaid:sc:US:81764396-33d0-4a71-96b7-6d5b62c2c6ec>.

COELHO DOS SANTOS, T. (2024). **Curso de extensão em psicopatologia: o real em jogo na clínica dos acidentes**. Curso online: UFSJ, 2024. Notas de aula.

COELHO DOS SANTOS, T.; OLIVEIRA, F. L. G. (2017). **Psicopatologia dos transtornos alimentares e seus estados melancólicos**. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, 20(2), 247-262, jun. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2017v20n2p247.3>

COELHO DOS SANTOS, T.; OLIVEIRA, F. L. G. (2012). **Teoria e clínica psicanalítica da psicose em Freud e Lacan**. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 17, n. 1, p. 73-82, jan./mar. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/zZ6T7Gsw3jYQbSry4CtZHmw/>

DUFOUR, D. R. (2016). **O Outro lacaniano, uma razão no real**. *Revista: aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 11(22), p.20-30. Disponível em: www.isepol.com/asephallus.10.17852/1809-709x.2019v11n22

DUNKER, C. I. L. (2023). **É comum pais e filhos invertarem papéis?** YouTube, 21/06/2023. Disponível em: <https://youtu.be/11i9yWZ1vSk?si=Pz0L3SLbt8IfQXh1>
Acesso em: 22/06/2023.

FERRARI, I. F.; PENA, B. F. (2012). **Melancolia e modo de funcionamento dos melancólicos.** Minas Gerais. Revista Psicologia e Saúde, v. 4, n. 1, jan. - jun. 2012, p. 53-58. Disponível em: <https://doi.org/10.20435/pssa.v4i1.124>.

FREUD, S. (1920). Além do princípio do prazer. In: **História de uma neurose infantil [“Homem dos lobos”], Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920).** Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010, v. 14, p.121-171.

FREUD, S. (1912-1914). Algumas reflexões sobre a psicologia escolar. In: **Edição Standard brasileira das Obras psicológicas de Sigmund FREUD. Totem e tabu e outros trabalhos (1912-1914).** Rio de Janeiro: Imago, 1974. v.12, p.281-288.

FREUD, S. (1933). Conferência 31. A dissecção da personalidade psíquica. In: **FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à Psicanálise e outros textos (1930-1933).** Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010, v. 18, p. 192-223.

FREUD, S. (1933). Conferência 33. A feminilidade. In: **Obras completas. O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos (1930-1933).** Tradução: Paula César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010, v. 18, p. 263-293.

FREUD, S. (1933). Conferência 32. Angústia e instintos. In: **Obras completas. O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos (1930-1933).** Tradução: Paula César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010, v. 18, p. 160-188.

FREUD, S. (1940). Compêndio de Psicanálise. In: **Obras Incompletas de Sigmund Freud. Compêndio de Psicanálise e outros escritos inacabados (1940-1941).** Tradução: Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014, p. 147-171.

FREUD, S. (1910). Contribuições para uma discussão acerca do suicídio. In: **Edição Standard brasileira das Obras psicológicas de Sigmund FREUD. Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos (1910[1909])**. Rio de Janeiro: imago, v. 11, p. 141-142.

FREUD, S. (1926). Inibição, sintoma e angústia. In: **Obras completas. Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)**. Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 6-60.

FREUD, S. (1917[1915]). Luto e Melancolia. In: **Obras completas, volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, v. 12, p. 128-142.

FREUD, S. (1924). Neurose e Psicose. In: **FREUD, S. O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos (1923-1925)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, v. 16, p. 109-113.

FREUD, S. (1923). O Eu e o Id. In: **FREUD, S. O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos (1923-1925)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, v. 16, p. 9-42.

FREUD, S. (1915). Os institutos e seus destinos. In: **Obras completas, volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, v. 12, p. 39-58.

FREUD, S. (1927). O futuro de uma ilusão. In: **Obras completas. Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)**. Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 122-156.

FREUD, S. (1920). Psicologia das massas e análise do Eu. In: **Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos (1920-1923)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, v. 15, p. 10-88.

FREUD, S. (1886-1899). Rascunho E: Como se origina a angústia. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Publicações pré-Psicanalíticas e esboços inéditos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.1. p. 141-146.

FREUD, S. (1886-1899). Rascunho G: Melancolia. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Publicações pré-Psicanalíticas e esboços inéditos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.1. p. 150-154.

FREUD, S. (1886-1899). Rascunho K. As neuroses de defesa. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Publicações pré-Psicanalíticas e esboços inéditos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.1. p. 150-172.

FREUD, S. (1914). Recordar, Repetir e Elaborar. In: **FREUD, Sigmund. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia [“ O caso Schreber”], artigos sobre a técnica e outros textos (??)**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010,v. 10, p. 147-155.

FREUD, S. (1909 [1908]). Romances familiares. In: **S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. “Gradiva” de Jensen e outros trabalhos (1906-1908)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 127-130.

FREUD, S. (1920). Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina. In: **Sigmund, FREUD. Obras completas. Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos (1920-1923)**. Tradução: Paulo César de Souza, v. 15, p. 102-131.

FREUD, S. (1912-1913). Totem e tabu. In: **FREUD, Sigmund. Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2012, v.11, p. 18- 223.

FREUD, S. (1856-1939). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: **Obras completas, volume 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905)**. Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza. 11 ed.-São Paulo: Companhia das Letras, 2016, v. 6, p. 13-172.

FREUD, S. (1936). Um distúrbio de memória na acrópole. In: **FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à Psicanálise e outros textos (1930-1936)**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010, v. 18, p. 437-449.

GARCIA-ROZA, L. A. (1936). **Freud e o inconsciente**. Luiz Alfredo Garcia-Roza. 24.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

LACAN, J. (1901-1981). **VIII - Dora e a jovem homossexual**. O Seminário, livro 4: a relação de objeto. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1995, p. 133-150.

LACAN, J. (1962-63). **IX - Passagem ao ato e acting out**. O Seminário, livro 10: a angústia. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2005, p. 128-145.

MELLO, R. FÉRES-CARNEIRO, T.; MAGALHÃES, A. S. (2015). **Das demandas ao dom: As crianças pais de seus pais**. Revista Subjetividades, Fortaleza, 15(2): 214-221, agosto., 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692015000200005.

MILLER, J. (1987) **Lacan Elucidado: Palestras no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar editor. Campo Freudiano no Brasil Ed. 1, 1997, 1901-1981.

MUCIDA, Â. (2006). **O sujeito não envelhece**. Psicanálise e velhice. 2 Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

OLIVEIRA, F. L. G.; DARRIBA, V. A. (2015). **Sobre a importância da transmissão parental do desejo para a Psicanálise a partir de um caso de Obesidade infantil**. Estilos clínica, São Paulo, v. 20, n. 2, mai./ago. 2015, 265-278. Disponível em: DOI: <http://dxdoi.org/10.11606/issn.1981-1624.v20i2p265-278>

OLIVEIRA, F. L. G. (2011). **Do inconsciente freudiano à hegemonia do significante em Lacan: uma articulação entre sintoma, desejo e estrutura**. Revista aSEPHallus, Rio de Janeiro, vol. VI, n. 12, 2011. Disponível em: www.isepol.com/asephallus.

OLIVEIRA, F. L. G. (2023). **Estágio Supervisionado Específico IV**. Niterói: UFF/IP, 2023. Notas de aula.

OLIVEIRA, F. L. G. Insígnias identitárias e as psicopatologias contemporâneas. In: **SANTOS, T. C, SANTIAGO, A. L., OLIVEIRA, F. L. G. (Orgs). Reconfigurações do Imaginário no Século XXI**. Curitiba: CRV, 2019, p. 141-158.

OLIVEIRA, F. L. G. (2023-2024). **Iniciação Científica**. Niterói: UFF/IP, 2023. Notas de aula.

OLIVEIRA, F. L. G. (2023). **Psicologia do Desenvolvimento II**. Niterói: UFF, 2023. Notas de aula.

OLIVEIRA, F. L. G.; MALTA, F. D. S. (2024). **Um estudo sobre as incidências da pulsão oral nas psicoses maníaco-depressivas**. Revista: aSEPHallus de Orientação Lacaniana. Rio de Janeiro, 19(37), 56-73, nov. 2023 a abr. 2024. Disponível em: <http://www.isepol.com/asephallus/pdf/5%20-%20OLIVEIRA%20e%20MALTA.pdf>

OMS. (2006). **Prevenção do suicídio: Um recurso para conselheiros**. Genebra, 2006, 3-23.

SÓFOCLES (427 a. C.). **Rei Édipo**. Atenas, 427 a. C., p. 1-74.

Disponível

em:

http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2255